



**Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga**

**A formação humana através da arte: aplicação do
método de Alfonso López Quintás**

Relatório de estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Ensino das
Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e
no Ensino Secundário.**

José Mário Araújo da Silva



FACULDADE DE FILOSOFIA
SETEMBRO 2014



**Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga**

**A formação humana através da arte: aplicação do
método de Alfonso López Quintás**

Local de Estágio: Escola Secundária Camilo
Castelo Branco de V. N. Famalicão

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Ensino das
Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico
e no Ensino Secundário.**

José Mário Araújo da Silva

Sob a Orientação do Prof. Doutor
Carlos A. Saraiva Bizarro Morais



FACULDADE DE FILOSOFIA
SETEMBRO 2014

Agradecimentos

Este trabalho é o resultado de uma produção pessoal que, contudo, não seria possível sem o esforço e cooperação de um conjunto de pessoas que direta ou indiretamente o tornaram possível, motivo pelo qual aqui deixo algumas palavras de agradecimento.

Um especial agradecimento ao filósofo e pedagogo Alfonso López Quintás pela disponibilidade e amabilidade demonstrada ao longo de todo o trabalho e pelo fornecimento de alguns materiais fundamentais para o desenvolvimento deste relatório.

Outro especial agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Morais, pela disponibilidade e acompanhamento demonstrado em todas as fases do trabalho, facilitando a descoberta do melhor caminho possível para a prossecução do mesmo.

Ao meu orientador da prática pedagógica, Arquitecto Luís Cabrita, pela sua experiência, pela transmissão de conhecimento, prestabilidade, contributo e discussão de assuntos relacionados com a prática pedagógica.

Ao meu colega do núcleo de estágio, Tiago Barbosa, pela sua amizade, troca de ideias e pelo seu contributo para a etapa que agora termina.

Aos meus pais, pelo incentivo, compreensão e ajuda pessoal e intelectual no desenvolvimento deste percurso. Sem o seu apoio não teria sido possível concretizar este trabalho.

À minha amiga Andreia pela disponibilidade demonstrada no debate de algumas ideias pertinentes para a elaboração deste trabalho.

Um grande e especial agradecimento à minha namorada, Filipa, por me ter acompanhado neste percurso e ter sido ao longo do mesmo uma fonte motivacional absolutamente determinante.

A todos os colegas do Mestrado, pelas amizades desenvolvidas e pela troca de ideias que possibilitaram.

Resumo

A tendência atual do ensino corre, quanto a nós, um sério perigo: o de deixar no esquecimento os valores humanos, facto decorrente de a educação se centrar no conhecimento científico do ser humano, deixando a experiência artística para um segundo plano, com tudo o que esta experiência pode dar de positivo à vida e à felicidade humana.

O presente trabalho tem como objetivo mostrar de que forma o ensino artístico é capaz de fornecer ao aluno experiências ricas, nas quais se associem os valores. Para isso, estudámos a fundo a metodologia proposta pelo autor Alfonso López Quintás na tentativa de proporcionar ao aluno uma formação integral. Neste autor, a experiência da arte, quando bem conduzida, orienta-nos para a descoberta de um novo caminho da educação. Um caminho no qual o ser humano encontra a sua verdadeira natureza.

A parte teórica deste trabalho consistiu, basicamente, no aprofundamento do conhecimento daquela metodologia, através do contato com a obra do autor referido, enriquecido também com alguns contatos pessoais.

Na parte prática, procurámos aplicar essa metodologia na turma 11ºH da Escola Secundária Camilo Castelo Branco, na qual realizamos o nosso estágio pedagógico, utilizando a unidade curricular de História da Cultura e das Artes. Pretendendo com esta aplicação analisar a importância da metodologia no projeto de formação integral do aluno.

Palavras-chave: Artes, Ensino, Experiência Artística, Formação Humana e Pedagogia.

Abstract

We do believe that the current trend of teaching runs the risk of turning the human values into forgotten issues due to the fact that education itself seems to be focused almost exclusively in the scientific knowledge of the human being, leaving the artistic experience into the background, with all the positive things that this experience can give to life and human happiness.

The present work aims to show how arts education can provide students rich experiences in which they have the possibility to associate the values. For this we studied in depth the methodology proposed by the author Alfonso López Quintás in an attempt to provide the student with a comprehensive education. According to this author, the experience of art, when well conducted, directs us to the discovery of a new path for education. One way in which human beings find their true nature.

The theoretical part of this work consisted primarily in the deeper understanding of this methodology through contact with the author's work above, plus some personal contacts that we believe operating with a surplus value.

In the practical part, we tried to apply this methodology in the class 11ºH of Escola Secundária Camilo Castelo Branco, in which we conducted our teaching practice, using the Course of History of Culture and Arts. Intending with this application, analyze the importance of this methodology in the design of an integral formation of the student.

Keywords: Arts, Education, Artistic Experience, Human Formation and Pedagogy

Índice

	Página
Agradecimentos.....	2
Resumo.....	3
Abstract.....	3
Índice.....	4
Introdução.....	7
Parte I. Enquadramento teórico	
Capítulo 1. A formação integral do ser humano.....	9
1.1. O Homem como ser de “encontro”	12
1.2. A importância da realidade envolvente do homem.....	13
1.3. A noção de “âmbito”.....	14
1.4. Os processos de vertigem e de êxtase.....	15
1.5. A necessidade de um novo método formativo.....	19
Capítulo 2. Arte e experiência artística como caminho para a formação integral do aluno	23
2.1. A criatividade, seu poder transfigurador.....	23
2.2. Arte e experiência artística	24
2.3. O âmbito e a experiência artística	26
Capítulo 3. Elementos da metodologia para a formação integral.....	29
3.1. O professor.....	29
3.2. A importância da observação.....	31
3.3. Guia para a interpretação da obra de arte	32
3.3.1. Nível 1. Os elementos físicos.....	33
3.3.2. Nível 2. A ligação entre os elementos físicos.....	33
3.3.3. Nível 3. A estruturação de formas.....	34
3.3.4. Nível 4. A representação de figuras/acontecimentos naturais e expressão de âmbitos.....	35
3.3.5. Nível 5. O mundo que encarna expressivamente a obra de arte... ..	36
3.3.6. Nível 6. O ambiente próprio da obra de arte.....	37
3.3.7. Nível 7. O poder emotivo da obra de arte.....	37
Capítulo 4. Conclusão da primeira parte.....	39

Parte II. Aplicação pedagógica

Capítulo 5. Enquadramento da aplicação pedagógica.....	41
5.1. Caraterização da escola.....	41
5.2. Caraterização da turma de estágio.....	42
5.2.1. Contextualização escolar.....	43
5.2.2. Contextualização socioeconómica.....	45
5.2.3. Aspetos comportamentais, motivacionais e de aproveitamento...	46
5.3. A disciplina de estágio: História da Cultura e das Artes, 11º ano.....	47
5.4. Identificação e caraterização da problemática.....	50
Capítulo 6. Intervenção pedagógica e didática.....	52
6.1. Passo 1. Sensibilização para o tema.....	53
6.1.1. Ver, analisar e compreender a obra de arte.....	54
6.2. Passo 2. Diagnóstico I (Questionário).....	55
6.2.1. Critérios de análise do questionário de diagnóstico.....	57
6.2.2. Exemplo 1: Níveis inferiores de profundidade.....	59
6.2.3. Exemplo 2: Nível de transposição.....	60
6.2.4. Exemplo 3: Níveis de maior profundidade.....	61
6.3. Passo 3. Aplicação do método de Alfonso López Quintás.....	62
6.4. Passo 4. Diagnóstico II.....	64
6.5. Passo 5. Análise e comentário dos resultados obtidos.....	64
6.5.1. Panorama geral	65
6.5.2. Panorama relativo aos níveis de menor profundidade.....	66
6.5.3. Panorama relativo aos níveis de transposição.....	67
6.5.4. Panorama relativo aos níveis de maior profundidade.....	68
6.5.5. Síntese avaliativa	69
Conclusão.....	71
Bibliografia.....	75
Anexos	76
Anexo 1. Planificação do exercício (compreensão da obra de arte).....	76
Anexo 2. Exercício	77
Anexo 3. Questionário de diagnóstico.....	78
Anexo 4. Planificação da primeira parte da aula da metodologia de Quintás.....	79
Anexo 5. Planificação da segunda parte da aula da metodologia de Quintás.....	80

Anexo 6. Material didático elaborado: a doutrina de López Quintás.....	81
Anexo 7. Material didático elaborado: ficha de apoio sobre a metodologia de Quintás.....	91

Introdução

Este trabalho propõe-se investigar o problema da formação humana dos nossos alunos através da arte, apoiado na perspectiva do método desenvolvido por Alfonso López Quintás.

Esta temática surgiu no âmbito do nosso Estágio em Ensino de Artes Visuais, na Escola Secundária Camilo Castelo Branco, de Vila Nova de Famalicão. A unidade curricular no âmbito da qual esta investigação foi desenvolvida e aplicada foi na História da Cultura e das Artes Visuais, do 11º H da referida Escola, no ano letivo de 2012/2013.

Num primeiro contato com a realidade do ensino atual verificámos que existe uma subvalorização de muitos aspetos da formação do aluno enquanto ser humano. Atualmente, o sistema de ensino apresenta uma centralização dos seus métodos avaliativos no aspeto cognitivo do aluno. Analisando de um ponto de vista prático – pedagógico, o papel do professor parece ser entendido apenas como o de um elemento transmissor de conhecimento relacionado com a sua área curricular. Porém, achamos que o ensino não deve limitar-se a estimular o lado cognitivo do aluno, mas também a sua dimensão pessoal, moral, afetiva e espiritual, fazendo com que este cresça enquanto ser humano à medida que aprende.

Mais concretamente, assistimos à desvalorização dos referenciais éticos, resultante de diversas condicionantes de um sistema de ensino cujo único objetivo parece ser dotar o aluno de saberes positivos, pondo de parte a vertente humanista. De facto, o ensino centra-se preferencialmente no conhecimento científico, sendo as disciplinas artísticas desvalorizadas ou muito secundarizadas, apesar do contributo que elas proporcionam a nível da sua experiência e estímulo.

Perante este estado de coisas, delineámos – inspirados na obra de Alfonso López Quintás – trabalhar um método que restitua a importância das artes visuais na formação do ser humano, convencidos de que através delas se poderão refazer muitos dos elementos fundamentais para uma pedagogia verdadeiramente humanista. Mais concretamente, pretendemos apresentar uma proposta de formação integral através do ensino artístico.

Pretendemos com esta proposta responder a dois objetivos principais. O objetivo primordial consiste em dotar o aluno de formação integral, sendo que aí deverá estar contemplada a aprendizagem das artes visuais. Para isso é necessário elaborar um método formativo, que resulta no segundo objetivo principal. Na tentativa de se alcançar o cumprimento dos objetivos principais estruturámos este trabalho em duas partes distintas.

Uma primeira parte, dedicada exclusivamente ao conhecimento e ao estudo teórico dos conceitos presentes na obra de Alfonso López Quintás. É necessário conhecer os principais conceitos presentes na formação Humana, nomeadamente os conceitos de encontro, âmbito e criatividade, pois objetivamente pretendemos que o professor conheça estes conceitos e os transmita aos seus alunos para que estes consigam perceber de que modo se relacionam com o mundo e de que forma este lhes fornece estímulos para o seu desenvolvimento. Em segundo lugar tenciona-se demonstrar a importância das artes visuais na sua formação e para isso propõe-se demonstrar a importância que a criatividade pode assumir nas suas vidas futuras. Em terceiro lugar é importante mostrar a importância que a observação tem nesta intenção, nomeadamente na percepção da obra artística, pois através da observação da obra de arte podem relacionar-se com elementos proporcionadores de formação. Por último, é necessário apresentar um caminho estrutural na procura de uma interpretação fiel da obra de arte, para que esta seja percebida em toda a sua essência, pois só assim os alunos conseguirão assumir a formação integral através da formação artística.

A segunda parte deste trabalho consiste na aplicação pedagógica inserida no nosso Estágio. Pretendemos nesta segunda parte, apresentar todos os elementos constituintes da intervenção pedagógica, que de um modo geral divide-se em 3 componentes. A primeira componente diz respeito aos elementos contextuais da intervenção pedagógica. Neste sentido apresentámos a escola, a turma e unidade curricular onde intervimos pedagogicamente. A componente seguinte, refere-se à intervenção pedagógica e didática. Nesta parte desenvolveu-se uma série de elementos práticos pedagógicos. Nomeadamente, um primeiro momento de sensibilização para a temática da interpretação da obra de arte, através da elaboração e aplicação de um exercício prático. Em seguida preparamos um apontamento didático sobre o autor e a sua metodologia dos sete planos da obra de arte, tendo como objetivo fazer chegar aos alunos o pensamento de Quintás e a sua metodologia.

Por último, uma componente analítica, onde explicitaremos toda a estratégia desenvolvida no intuito de recolher informação útil, que nos permita tecer conclusões adequadas aos nossos objetivos.

Pretendemos assumir as artes visuais e o ensino artístico como elementos essenciais na formação integral do ser humano que é o aluno, propondo demonstrar a importância de uma “nova” metodologia de ensino artístico potenciador do desenvolvimento de valores humanos.

Capítulo 1. A formação integral do ser humano

“O meu trabalho é o resultado de uma longa pesquisa acerca da fecundidade que a experiência estética pode apresentar – e, dentro dela, particularmente a experiência artística – em ordem à formação integral do homem e da procura de um novo Humanismo.”¹

Abrimos este relatório com a citação de Quintás, pois nela reside, em grande parte, aquilo que se pretende com este trabalho, verificando nela a potencialidade ou possibilidade que a arte e experiência artística podem assumir na procura da formação integral do homem.

É com este pensamento que iniciamos o relatório, no qual pretendemos apresentar o conceito de formação integral do homem. Este conceito exige uma fundamentação peculiar, pois para o definirmos apoiados na posição do autor é necessário primeiramente conhecer três condições: Primeiro, conhecer a complexa realidade que é o ser humano; segundo, perceber em que consiste a sua formação e por fim compreender o que se considera a formação integral do ser humano.

Na obra de Quintás, o ser humano define-se pela característica que o distingue do ser animal, a Inteligência. Esta permite ao ser humano não reagir de modo instintivo aos estímulos que o mundo lhe fornece. “[o]s estímulos para o ser humano têm valor de «apelos», de convites a dar uma resposta livre e reflexiva, porque é através de tais estímulos que o ser humano capta realidades”². Deste modo, a inteligência fornece ao homem a capacidade de pensar, de refletir antes de reagir perante qualquer estímulo que o mundo lhe fornece. É também esta capacidade reflexiva e livre que o ser humano possui perante a realidade que o permite construir o seu próprio mundo interior, ou seja, a sua personalidade.

Relativamente à personalidade, Quintás refere que “[o] homem desenvolve a sua personalidade abrindo-se responsabilmente aos campos de possibilidades que lhe oferecem os seres circundantes.”³. Devido à capacidade de reflexão sobre os estímulos que o mundo lhe fornece, as realidades não terão a mesma influência sobre ele, pois só através de uma certa abertura responsável este será capaz de ver as realidades como campo de possibilidades, permitindo o seu desenvolvimento interior.

¹ “Mi ponencia es el resultado de una larga búsqueda acerca de la fecundidad que puede presentar la experiencia estética – y, dentro de ella, de modo singular la experiencia artística – en orden a la formación integral del hombre y la configuración de un nuevo tipo de Humanismo.” (Quintás, 1991: 1302)

² “los estímulos tienen para el ser humano valor de “apelaciones” invitaciones a dar una respuesta libre y reflexiva-, porque a través de tales estímulos el ser humano capta realidades” (Quintás, 1991: 1304).

³ “[e]l hombre despliega su personalidad abriéndose responsablemente a los campos de posibilidades que le ofrecen los seres circundantes.” (Quintás, 2010: 30).

É ao longo do desenvolvimento interior do ser humano que a formação humana começa a ganhar sentido, pois à medida que o ser humano constrói a sua própria realidade, a personalidade amadurece e se forma:

“O ser humano orienta-se para a madurez pessoal quando encaminha a sua vida para o ideal que responde às exigências mais profundas da sua própria realidade. Daí que a tarefa crucial da atividade formativa consista em averiguar qual é o ideal próprio de um ser pessoal e conferir a vontade de decisão necessária para o assumir na sua própria existência e realiza-lo.”¹

Deste modo, a formação humana consiste no conhecimento e entendimento do modo como as realidades influenciam o desenvolvimento do ser humano, por outras palavras, conhecer a importância que as realidades presenciadas pelo homem assumem na sua formação enquanto ser humano, e assim constitui-se um dos grandes objetivos da formação humana. A formação humana, liga-se à interiorização dos valores humanos do seguinte modo, “A tarefa fundamental da formação humana consiste em *suscitar o entusiasmo para os valores.*”² Deste modo é também importante fornecer ao ser humano uma orientação, um caminho. Através dos valores, estes são normas de conduta pelos quais o homem deve reger a sua formação enquanto ser humano.

A educação para os valores assume uma particular importância na formação do educador. Se um educador não possuir as noções básicas de como o homem se forma através dos valores, dificilmente será capaz de formar o aluno nesse sentido. Contudo, formar alguém nesse sentido não é uma tarefa simples nem fácil. A formação humana abrange um grande número de questões internas e pessoais do ser humano. Por isso assumem um papel estruturante na procura do conceito de formação integral do ser humano.

Assim, recorreremos mais uma vez ao nosso autor de referência para esclarecermos o que se pretende com a formação integral do aluno. Vejamos a seguinte citação:

“Uma formação integral supõe no homem a abertura a todas realidades que apresentam um valor. Para entusiasmar-se com o valioso – normas morais, valores éticos e religiosos, ideais de toda a ordem,

¹ “El ser humano se orienta hacia la madurez personal cuando encamina su vida hacia el ideal que responde a las exigencias más hondas de su propia realidad. De ahí que la tarea crucial de la actividad formativa consista en averiguar cuál es el ideal propio de un ser personal y conferir a la voluntad la decisión necesaria para asumirlo en la propia existencia y realizarlo.” (Quintás, 1995: 204)

² “La tarea fundamental de la formación humana consiste en *suscitar el entusiasmo por los valores.*” (Quintás, 1999: 450).

- requerer-se entrar em relação de encontro – portanto, de presença - com o real. O modo mais pleno de encontro com a realidade realiza-se através da participação criadora com as realidades circundantes.”¹

Desta citação podemos retirar quatro aspetos fundamentais que definem o conceito de formação integral: Em primeiro lugar, dotar o aluno de uma atitude de abertura perante as realidades; em segundo lugar, estimular o conhecimento das realidades de elevado valor, normas morais éticas entre outras; em terceiro, estimular, também a participação do ser humano nessas realidades através da relação de encontro; e por último, o poder que a criatividade assume nesta relação.

Em relação à atitude de abertura por parte do Homem face às realidades envolventes, resulta na intenção de fornecer ao aluno uma formação na qual se prevê a sua relação com o mundo de um modo muito preciso, pois este necessita de conhecer a realidade que o envolve em todo o seu sentido para que esta lhe pertença. Em segundo lugar, ao conhecer as realidades em todo o seu valor, será capaz de distinguir o valor que as realidades têm e daí que se afirmam as realidades de grande valor, como é o caso das normas morais e éticas que, estarão mais próximas do homem, ou mais facilmente percebíveis. Em terceiro lugar, verá que através da relação de “encontro” conseguirá relacionar-se com toda a realidade que o envolve de um modo especial e completo, pois através da criatividade assumirá todas as potencialidades que a realidade lhe fornece. Assim, entendemos que se tornará um ser humano mais completo pois verá o mundo com um olhar muito mais maduro e pessoal.

Em suma, podemos concluir que, formar integralmente o aluno consiste em estimular a atitude de abertura perante as realidades valiosas (realidades que demonstrem normas morais, valores éticos e religiosos, ideias de toda a ordem). Para isso é necessário alertar, mostrar ao aluno a importância da relação de “encontro” e a potencialidade que a criatividade possui nesta procura.

Voltaremos a debruçar a nossa atenção sobre a formação integral do aluno sobre um ponto de vista mais metodológico mais adiante. Neste momento é importante esclarecer de um modo concreto os quatro aspetos fundamentais retirados deste conceito, a relação de encontro, a importância da realidade envolvente do homem, realidades de elevado valor (âmbito) e criatividade.

¹ “Una formación integral supone en el hombre la apertura a todas las realidades que presentan un valor. Para entusiasmarse con lo valioso –normas morales, valores éticos y religiosos, ideales de todo orden-, se requiere entrar en relación de encuentro –por tanto, de presencia- con lo real. El modo más pleno de encuentro con la realidad se realiza a través de la participación creadora en las realidades circundantes.” (Quintás, 2010: 49)

1.1. O Homem como ser de “encontro”

O propósito da formação humana é orientar o desenvolvimento do ser humano. Para isso devemos ter em atenção determinadas características e condicionantes do ser humano. O ser humano é um ser complexo devido a características únicas que o distinguem de todos os outros seres. Está dotado de inteligência, pensamento e capacidade de refletir sobre os seus atos. Mas, o que define o ser humano, para López Quintás é a sua vocação para o “encontro”:

“A ciência contemporânea, sobre todo a Biología, salienta que o homem é um “ser de encontro”; constitui-se, desenvolve e aperfeiçoa-se fundando relações de encontro com as realidades envolventes que oferecem possibilidade para ele.”¹

O Homem é um ser de “encontro”, ou seja, que desenvolve-se estabelecendo relações de encontro com as realidades que o envolvem. As relações de “encontro” que o indivíduo estabelece durante a sua vida irão ter influência no seu modo de ser, agir e comportar-se, tornando-o distinto de todo e qualquer indivíduo.

Contudo, para o “encontro” assumir verdadeiramente esta influência sobre a formação humana, é necessário que este veja as realidades de um modo responsável, como campos de possibilidades. É então necessário aprofundar o conceito de “encontro” e das suas condicionantes.

Vejamos agora o que se entende por “encontro” e que tipo de relação estabelece como Homem.

O esclarecimento da noção de “encontro” implica a necessidade prévia de enquadrar o Homem no mundo, de distinguir as diferentes realidades e as potencialidades que estas podem assumir na sua formação. Vejamos então a definição de “encontro” segundo Quintás:

“O Homem é um «ser de encontro», constitui-se, desenvolve-se e aperfeiçoa-se realizando encontros com as realidades circundantes. Estas realidades podem ser nossas companheiras de jogo e de encontro se as vemos como «âmbitos», não só como «objetos».”²

¹ “La ciencia contemporánea, sobre todo la Biología, subraya que el hombre es un «ser de encuentro»; se constituye, desarrolla y perfecciona fundando relaciones de encuentro con las realidades del entorno que ofrecen posibilidades para ello.” (Quintás, 2010: 32)

² “El hombre es un «ser de encuentro», se constituye, desarrolla y perfecciona realizando encuentros con las realidades circundantes. Estas realidades pueden ser nuestras compañeras de juego y de encuentro si las vemos como «âmbitos», no solo como «objetos».” (Quintás, 1993: 22)

Desta forma, a relação de “encontro” permite ao ser humano desenvolver-se internamente e exige deste duas atitudes específicas que revelam a complexidade do processo. Em primeiro lugar, deve ter a atitude de conhecer de um modo muito preciso a realidade que o envolve, sabendo distinguir as realidades objetivas e as realidades abertas, ou âmbitos. Em segundo lugar, deve ter a atitude de conseguir, verdadeiramente, entrar em relação com as realidades abertas, ou âmbitos. Para isto o Homem necessita de adotar uma atitude lúdico-criativa, pois só através desta conseguirá descobrir todas as potencialidades dessas realidades.

Em suma, é através destas duas atitudes que o Homem estabelece a relação de “encontro”. Ainda na obra de Quintás, este acontecimento só é possível quando o ser humano adota uma atitude que se refere pelo nome de presença, “[p]resença não é sinónimo de imediatez em geral, mas de um modo peculiar, relevante, de vizinhança e unidade.”¹ Isto é quando o ser humano transporta uma realidade, algo que lhe é externo, para o seu interior, que faz com que possibilite a relação de “encontro”. E por isso faz dela algo de tão importante na formação humana e na procura de uma formação integral do aluno.

1.2. A importância da realidade envolvente do Homem

Nesta problemática do “encontro” tem particular relevo o reconhecimento das realidades com as quais o homem se relaciona, pois são o ponto de partida para a possibilidade do “encontro” se realizar. Então, para o Homem conseguir estabelecer a relação de “encontro”, necessita de conhecer, distinguir e assumir as potencialidades que a realidade traz à sua presença.

Segundo Quintás, “[a] nossa primeira tarefa é aprender a olhar, e descobrir que no nosso ambiente há realidades abertas e realidades fechadas.”² Confirmando-se assim a necessidade de aprendermos a ver e a descobrir o mundo que nos rodeia, mas também a distinguirmos entre realidades fechadas e realidades abertas.

Quintás apresenta as realidades fechadas do seguinte modo: “[a] todas as realidades que estão perante o homem e podem ser analisadas por ele, sem comprometer seu próprio ser

¹ “Presencia no es sinónimo de imediatez en general, sino de un modo peculiar, relevante, de vecindad y unidad.” (Quintás, 1991: 1305)

² “Nuestra primera tarea es aprender a mirar, y descubrir que en nuestro entorno hay realidades abiertas y realidades cerradas.” (Quintás, 2011: 36)

chamamos objetos. São realidades «Objetivas».”¹. Deste modo as realidades fechadas, são realidades que não possuem a capacidade de influenciar o desenvolvimento humano, pois apenas têm características de objeto e, como tal, apenas permitem ao homem uma relação de contacto superficial.

Por outro lado, quanto às realidades abertas, refere o mesmo autor que “[p]or ser uma realidade aberta e compreender certo campo, vamos chamá-la de *âmbito de realidade*, ou simplesmente *âmbito*.”². Ou seja as realidades abertas possuem características que ultrapassam a condição de objeto, abrem um novo campo de possibilidades no homem. Portanto, estas realidades abertas, ou âmbitos, por terem a capacidade de abrirem no homem novos campos de possibilidades, estimulam assim o seu desenvolvimento.

1.3. A noção de “âmbito”

No subcapítulo anterior ficámos com a ideia de que certo tipo de realidades têm capacidade de gerar novas realidades perante o homem. Estas realidades às quais, em sintonia com o autor, chamamos “âmbito” irão ter uma grande importância na formação humana. Procuremos então, compreender melhor o conceito de “âmbito”.

Como vimos anteriormente o âmbito é uma realidade aberta, através da qual o Homem tem a capacidade de gerar novas realidades ou estabelecer relações bastante complexas.

Quintás apresenta o conceito de âmbito do seguinte modo: “Em geral, podemos entender por âmbito um espaço lúdico, um campo de jogo formado pela interação estrutural de elementos que se entregam em sistema, de forma mais ou menos rigorosa.”³ É a característica lúdico-criativa que separa o objeto do âmbito. Esta distinção ocorre quando o ser humano atua sobre uma realidade, porém essa realidade necessita também de possuir características que influenciem o ser humano a atuar sobre ela, pois ambos se influenciam mutuamente, por isso se afirma que o âmbito se entrega a um sistema rigoroso.

De um modo prático, o homem quando entra em relação com um objeto apenas lhe consegue captar as características físicas. Contudo, o objeto pode transformar-se em âmbito se

¹ “A todas las realidades que están frente al hombre y pueden ser analizadas por éste sin comprometer su propio ser llamamos *objetos*. Son realidades «Objetivas»” (Quintás, 1993: 23)

² “Por ser una realidad abierta y abarcar cierto campo, vamos llamarle *âmbito de realidad*, o sencillamente *âmbito*.” (Quintás, 2011: 37)

³ “En general, podemos entender por ámbito un espacio lúdico, un campo de juego formado por la interacción estructural de elementos que se entregan en sistema, de forma más o menos estricta.” (Quintás, 1998: 189)

o homem, através da sua atitude livre e reflexiva, conseguir estabelecer uma relação lúdico-criativa com este, absorvendo todas as potencialidades que o objeto lhe oferece e que vão muito para além das suas características físicas, do seu mero aspeto exterior. Mas esta relação lúdico-criativa não se apresenta assim tão simples. Para que aconteça, o homem tem de empreender um esforço por entrar numa relação de proximidade e interligação com o objeto e, para isso, terá também de assumir todas as potencialidades que ambos possuem. Portanto, é este caráter lúdico-criativo que o âmbito possui que faz destas realidades, realidades de altíssimo valor perante o homem. Pois subentendem uma relação de colaboração entre o ser humano e as realidades, influenciando-se mutuamente numa relação lúdico-criativa, de apelo e resposta. É esta característica colaborativa que as realidades ambituais possuem e que tornam estas realidades tão estimulantes para a formação integral do ser humano e na qual a criatividade terá uma importância acrescida como veremos mais adiante.

Para distinguir estes dois tipos de realidade, Quintás na sua obra recorre ao seguinte exemplo do piano. O piano pode ser visto como objeto pelas suas características físicas, dimensões, peso e aspeto contudo este pode transformar-se numa realidade aberta quando interage com o homem. Ou seja, quando um pianista utiliza o piano com o intuito de interpretar uma peça, transforma essa realidade num campo aberto, de possibilidades, pois este permite-lhe interpretar uma infinidade de peças. Assim é esta possibilidade infinita de interpretações que transformam um objeto numa realidade aberta, fazendo desta característica um elemento tão importante no desenvolvimento do ser humano

1.4. Os processos de vertigem e de êxtase

Nos subcapítulos anteriores temos vindo a esclarecer o conceito de formação humana, tendo concluído que o homem se forma através da relação de «encontro» com as realidades que o envolvem. Porém, existe a necessidade de estudar as atitudes humanas perante a realidade e a sua importância no seu desenvolvimento enquanto pessoa. Pois é neste contexto que devemos enquadrar e associar os valores, como caminho para a formação integral do ser humano.

Quintás, ao longo do seu estudo, refere dois processos de formação para os valores como sendo processos opostos, associados a atitudes opostas. São estes o processo de

vertigem, que tem por base uma atitude superficial e o processo de êxtase, baseado numa atitude profunda perante as realidades.

Sobre o processo de vertigem L. Quintás afirma: “O processo de vertigem em princípio não exige nada, se não entregar-se à busca de ganâncias imediatas; o promete tudo e o tira tudo no final. O homem dominado pelo egoísmo busca a felicidade de forma interessada, e encaminha-se por seu próprio pé à destruição.”¹ Trata-se, assim, de um processo superficial, preocupado com as sensações imediatas, baseado numa atitude de egoísmo e que nos orienta para a destruição. Deste modo, se confrontarmos um indivíduo com uma determinada realidade e este adotar uma atitude egoísta, como a referida anteriormente, o indivíduo estará apenas a conhecer a realidade de um modo imediato, interessado apenas nas características que lhe convêm. Por isso, não será capaz de estabelecer o «encontro» com essa realidade. Como não possibilita o «encontro», também não possibilita o desenvolvimento humano. O processo de vertigem é, assim, um processo no qual o indivíduo se relaciona de um modo superficial com as realidades, no qual não será capaz de estabelecer a relação de «encontro» e por consequência não lhe estimula a sua formação.

Por oposição a este processo, Quintás define o processo de êxtase da seguinte forma: “O processo de êxtase recebe o seu impulso de uma *atitude de generosidade*. A generosidade inspira uma atitude respeitadora, colaboradora, recetiva, humilde, agradecida, amorosa, estável e firme, realista, criativa, responsável e relacional, perseverante e confiada.”² Portanto, ao contrário da vertigem, o processo de êxtase assume a sua intenção na generosidade e colaboração com as realidades, permitindo assim receber todas as suas condições de uma forma criativa. Confrontando mais uma vez o indivíduo com uma realidade, mas desta vez com uma atitude generosa, ou de colaboração, o indivíduo entra numa relação com a realidade de um modo criativo. Assim, ao adotar uma atitude criativa perante a realidade, o indivíduo inicia a sua relação de «encontro» com o objeto. Logo, é através deste processo que o indivíduo se forma no sentido mais genuíno.

Após a distinção das atitudes resultantes dos processos de formação para os valores presentes na obra de L. Quintás, é ainda necessário esclarecer o modo como essas atitudes se refletem na vida do ser humano e por consequência na sua relação com os valores. Deste

¹ “El proceso de vértigo en principio no exige nada, sino entregarse al afán de ganancias inmediatas; lo promete todo y lo quita todo al final. El hombre dominado por el egoísmo busca la felicidad de forma interesada, y se encamina por su propio pie a la destrucción.” (Quintás, 1999: 322)

² “El proceso de éxtasis recibe su impulso de una *actitud de generosidad*. La generosidad inspira una actitud respetuosa, colaboradora, receptiva, humilde, agradecida, amorosa, estable y firme, realista, creativa, responsable y relacional, perseverante, confiada.” (Quintás, 1999: 343)

modo na sua obra Quintás apresenta o seguinte: “A vertigem produz tristeza, decepção e solidão. O êxtase suscita a alegria, esperança, entusiasmo, felicidade, paz interior, amparo, júbilo festivo, liberdade interior.”¹ Deste modo pode-se afirmar que o ser humano ao orientar a sua vida segundo o processo de vertigem, está a trazer para a sua vida sentimentos de carácter negativo. Já pelo contrário se orientar a sua vida segundo o processo de êxtase, estará a trazer para a sua vida sentimento de carácter positivo.

Por este carácter positivo presente no processo de êxtase, L. Quintás relaciona-o com os valores do seguinte modo: “O êxtase afina a sensibilidade para os valores porque funda encontros, campos de jogo, e nestes ilumina o sentido de todo o profundamente humano, o que constitui o núcleo da vida autêntica do homem.”² O processo de êxtase impulsiona o indivíduo a relacionar-se de um modo profundo com as realidades do “encontro”. Deste modo, associa-se positivamente ao contato com valores maiores capazes de fornecer formação humana.

Pelo contrário, a vertigem traz consigo um carácter negativo: “[a]lém de suscitar tristeza e desilusão, a vertigem, ao impossibilitar o encontro, transporta o homem para obscuridade, impossibilitando que este capte o sentido profundo das realidades e acontecimentos.”³ Esta visão superficial do mundo, faz com que o ser humano não seja capaz de perceber o verdadeiro significado da realidade. Desta forma em associação com os valores, o ser humano não será capaz de perceber o verdadeiramente significado e importância que determinado valor pode assumir na sua vida. Por esta razão não será capaz de orientar seu desenvolvimento em função dos valores.

Na obra de L. Quintás, estes dois processos surgem relacionados com o mundo da arte e da experiência artística. Esta relação assume um papel fundamental para o nosso estudo, pelo facto de nos ajudar a compreender a forma que o aluno poderá crescer através da sua relação com a arte e o mundo artístico. Na tentativa de esclarecer melhor esta relação, confrontaremos o ser humano com uma obra de arte, analisando as duas atitudes possíveis decorrentes desses processos já referenciados.

Se o indivíduo perante a obra de arte optar por uma atitude egoísta ou meramente sensorial, centrará apenas a sua atenção em determinados aspetos e características da mesma.

¹ “El vértigo produce tristeza, decepción y soledad. El éxtasis suscita alegría, ilusión, entusiasmo, felicidad, paz interior, amparo, júbilo festivo, libertad interior.” (Quintás, 1993: 51)

² “El éxtasis afina la sensibilidad para los valores porque funda encuentros, campos de juego, y en éstos se alumbra el sentido de todo lo profundamente humano, lo que constituye el núcleo de la vida auténtica del hombre.” (Quintás, 1999: 377)

³ “A demás de suscitar tristeza y desilusión, el vértigo, al imposibilitar el encuentro, sume al hombre en la oscuridad, no le permite captar el sentido profundo de las realidades y acontecimientos.” (Quintás, 1993: 50)

Deste modo, a sua visão sobre a mesma, será superficial. À luz da teoria âmbito da experiência artística esta visão superficial resulta na redução da obra de arte a objeto. Ao reduzi-la a objeto, o indivíduo não será capaz de estabelecer a relação «encontro». Desta forma associa-se ao processo de vertigem, logo o indivíduo ao adotar este tipo de atitude perante a arte, não conseguirá usufruir de toda a potencialidade da experiência artística. Esta relação superficial não se enquadrará com a definição da experiência artística de um modo positivo como veremos mais adiante.

Por outro lado, se perante a obra de arte o indivíduo adotar uma atitude generosa e colaboradora, estabelecerá uma relação de colaboração e proximidade, adquirindo o valor de âmbito. Esta atitude generosa, resultando da teoria «âmbito», conduz a uma percepção profunda da obra de arte. Esta profundidade com que o ser humano relaciona-se com a obra de arte poderá assumir um valor positivo na compreensão do conceito de experiência artística.

Após a distinção de experiência positiva e negativa, iremos associá-las agora à formação humana.

Na associação destas duas experiências, logicamente, deparamo-nos com a seguinte ligação: a experiência negativa ao cercar o indivíduo de uma atitude superficial e sensorial, reduz a obra de arte a objeto e, conseqüentemente, não possibilita o «encontro» logo o indivíduo através de experiências negativas não melhorará a sua formação. De modo contrário, o conhecimento profundo resultante das experiências positivas levam o indivíduo ao crescimento na sua formação pessoal.

No seguimento da distinção e no sentido de a experiência positiva permitir formação humana, o nível de valores que estas experiências poderão ter no indivíduo também serão significativas. Na consequência da ligação da experiência negativa estar associada à teoria do processo de vertigem e a experiência positiva ao processo de êxtase, o sinal do valor resultante destas experiências também será oposto. Deste modo, a experiência negativa conduz o Homem a valores de caráter negativo, valores menores e menos profundos. Por contraponto, a experiência positiva conduz o homem a valores de caráter positivo, valores maiores e de maior profundidade.

Em suma apuramos que o processo de êxtase será o processo mais indicado para a formação integral do aluno através da arte, ao facultar todas as potencialidades positivas da obra de arte, possibilita um melhor conhecimento da profundidade dos valores, permitindo assim a formação integral do aluno, pois a sua finalidade é dotar indivíduos com valores mais elevados.

1.5. A necessidade de um novo método formativo

A intenção de formar integralmente os alunos e a sociedade, implica a tentativa de estabelecer um novo rumo para a educação, pois é na educação e na escola que reside a base da formação de uma sociedade. E por isso, ao apresentarmos um novo método formativo, ou seja, a formação integral de aluno através das artes visuais, devemos contextualizar sinteticamente a situação presente no campo de educação, em termos políticos e organizacionais, curriculares e socioeconómicos, pois certamente ajudarão a compreender o sentido da nossa proposta.

À primeira vista, a avaliação que hoje se faz do mundo da educação parece, aos olhos do cidadão comum, bastante completa e eficaz. Os pais anseiam, basicamente, formar os seus filhos e dotá-los de ferramentas essenciais para as suas vidas futuras. Porém, se olharmos mais de perto, imediatamente verificaremos o desapontamento perante as exigências de uma formação integral do ser humano que é o aluno.

A educação demonstra a nível político e organizacional problemas graves e de fundo. Na prática, verifica-se a desvalorização da formação integral do aluno devido ao facto de o sistema implementado estar fundamentalmente orientado para a obtenção de resultados, para o bom aproveitamento e aquisição de competências, desvalorizando assim a aprendizagem dos valores éticos e morais. Deste modo, a vertente humanista do ensino mostra estar um pouco à margem do que deveria. Ainda a este nível, constatamos que os constantes cortes efetuados no setor público, nomeadamente no ensino, têm-no tornado ainda menos integral, pois o significativo aumento do número de alunos por turma dificulta o papel do professor que se vê incapacitado de fazer chegar o seu propósito a todos os alunos, tendendo a tornar-se um mero transmissor de conhecimento, um estimulador de resultados. Do ponto de vista curricular, e de certo modo interligado com os factos apresentados a nível político e organizacional, isto resulta na predominância de um sistema essencialmente direcionado para as áreas científicas e tecnológicas colocando de parte outras áreas do conhecimento igualmente importantes no desenvolvimento do ser humano, nomeadamente as áreas artístico-criativas, já aqui referidas como áreas fundamentais para a formação humana.

A nível socioeconómico, os jovens enfrentam maiores e piores problemas, pois o constante crescimento das taxas de desemprego e a consequente perda de poder económico por parte das famílias resultam em problemas graves, nomeadamente carências alimentares, monetárias, entre outras, que muitas vezes acabam por estar na origem do insucesso e

abandono escolar. Além disso, estes problemas refletem-se nas famílias também de um modo negativo, pois normalmente associam-se a estes o aumento de famílias desestruturadas, monoparentais e até mesmo casos de violência. Como resultado deste clima de turbulência socioeconômico, os jovens chegam à escola com problemas bastante complexos que podem eventualmente afetar o seu desempenho, atitude e comportamento.

Deste modo verificamos que o retrato do ensino atual anteriormente sugerido, pouco se adequa à nossa intenção pois, de um modo sintético, a constante procura de resultados e o descrédito do ensino das áreas artístico-criativas transportam para o aluno apenas um conhecimento unilateral da realidade e com esta superficialidade o encontro não se dá, e o descrédito da criatividade acentua ainda mais essa dificuldade. Por isso, se afirma existir uma necessidade de mudança de rumo na educação, para que se defendam os interesses de uma formação integral através do ensino artístico. Ora, segundo o autor Alfonso López Quintás, formar integralmente o aluno requer uma mudança de atitude, mudança de atitude a nível metodológico. “A través de una larga experiencia, vi con toda a lucidez que a melhor via para nos formarmos e formar os outros, não é tanto através da *transmissão de conteúdos*, mas em *ajudar o aluno a descobri-los*.”¹, ou seja, esta nova metodologia de ensino terá como elemento ativo o aluno, e o seu crescimento enquanto ser humano.

Na tentativa de propor um novo modelo de educação através da formação integral do aluno apoiada no ensino artístico, o autor Alfonso López Quintás sugere, relativamente a este propósito, algumas orientações que nos servirão de base orientadora para a elaboração da nossa proposta. A primeira exigência consiste no seguinte: “[n]ecessitamos de um método eficaz para conseguir que a atividade *informativa* desempenhe também função claramente formativa.”². Devido à elevada preocupação com o domínio preciso do conhecimento, ou seja com a informação, é necessário assim adotar um método mediante o qual esta informação adquira, também, potencialidades formadoras no aluno. Para isso será necessário que o elemento professor, como elemento mais próximo entre a escola e a educação, reveja o seu método de ensino adequando-o a esta nova realidade.

A segunda exigência reside no seguinte: “«*necessitamos de guias autênticos*», pessoas que se esforcem por conhecerem a fundo o que é a vida humana, as leis do seu desenvolvimento, o ideal que impulsiona o seu crescimento, e que o transmitam a outras

¹ “A través de una larga experiencia he llegado a ver con toda lucidez que la vía optima para formarnos y formar a otros no consiste tanto en *transmitir contenidos* cuanto en *ayudar a descubrirlos*” (Quintás, 2011: 13).

² “Necesitamos un método eficaz para conseguir que la actividad *informativa* desempeñe también una función netamente formativa.” (Quintás, 2011: 193)

personas de una forma clara e decidida.”¹. Este requisito orienta-nos a reflexão para o papel do professor que aqui necessita de adquirir uma nova importância pois, para além de transmitir o seu conhecimento, ou seja a informação, ele terá também de conhecer a fundo a realidade humana, o conceito de âmbito, encontro, processo de êxtase e criatividade, para conseguir transportá-los para o conhecimento do aluno e dessa forma conseguirá transformar a informação em formação. Provando, deste modo, a necessidade de um novo método formativo que também insiste na preparação do docente no caminho para uma formação integral.

Estas duas exigências associam-se, de um modo sintético, ao aspeto formativo que a educação deve proporcionar ao aluno, esta só se realiza na medida em que se aproxima do mundo dos valores e da criatividade. Ora, “[n]ão é fácil formar em criatividade e valores porque este trabalho não se reduz a ensinar certos conteúdos: *exige todo um processo espiritual*, como sucede na aprendizagem das artes.”². Sublinhamos esta nota sobre a importância do ensino das artes na procura da formação integral na qual se encontra o sentido de toda a nossa investigação. As artes permitem ao aluno um contato com realidades que estimulam a sua formação. Estas realidades, já aqui foram referenciadas como realidades ambituais, e que pelas suas exigências já tratadas permitem ao aluno estabelecer a relação de “encontro”. No campo dos valores, a relação de “encontro” permitirá que o aluno se relacione com valores mais profundos, devido à capacidade e influência que a criatividade assume no contato com este tipo de realidades.

Esta associação entre a criatividade e valores não se apresenta de um modo simples, pois o mundo das artes é complexo. É devido a esta complexidade que, para a relação anterior fazer sentido, é necessário atentar no seguinte: “[n]ada mais urgente na estética da criatividade que desenvolver a capacidade de captar as obras de arte em todo o seu relevo, em sua forma específica de unidade-diversidade, que é o fundamento do seu poder expressivo, seu carácter íntimo, sua condição inesgotável, das suas matizes.”³. Assim, para que esta associação entre a criatividade e valores seja possível é necessário desenvolver no aluno a

¹ “*Necesitamos guías auténticos*”; personas que se esfuerzen en conocer a fondo lo que es la vida humana, las leyes de su desarrollo, el ideal que impulsa su crecimiento, y lo transmitan a otras personas de forma clara y decidida.” (Quintás, 2006: 2)

² “No es fácil formar en creatividad y valores porque esta labor no se reduce a enseñar ciertos contenidos: *exige todo un proceso espiritual*, como sucede con el aprendizaje de las artes.” (Quintás, 1999: XX)

³ “Nada más urgente en la estética de la creatividad que desarrollar la capacidad de captar las obras de arte en todo su relieve, en su forma específica de unidad-diversidad, que es el fundamento de su poder expresivo, su carácter íntimo, su condición inagotable, sus múltiples irisaciones.” (Quintás, 2010: 236)

capacidade de observar as obras de arte, pois assim será capaz de perceber verdadeiramente a realidade, chave da sua formação.

Em suma, são estes os requisitos que encontramos no pensamento de Alfonso López Quintás, que nos sugerem alguns elementos a considerar na procura de uma metodologia para a formação integral através do ensino artístico.

Capítulo 2. Arte e experiência artística como caminho para a formação integral do aluno

Neste capítulo procuramos explicar a relação que a arte e a experiência artística podem assumir na formação integral do aluno. Na obra de Quintás esta relação surge do seguinte modo: “A experiência artística exerce função formativa quando se a vive de um modo integral, sem desperdícios supérfluos, em toda a sua riqueza e complexidade.”¹. Deste modo, confirmamos que a arte e a experiência artística podem efetivamente assumir uma relação importante na formação integral do aluno. Porém esta relação só faz sentido se a arte for vivida de um modo integral, ou seja, assumindo toda a sua riqueza e complexidade.

No esclarecimento desta relação, mostraremos mais concretamente que a arte possibilita a relação de “encontro” e por isso intervém decisivamente na formação humana. Para isso é necessário esclarecer os aspetos fundamentais presentes na obra de Quintás. Em primeiro lugar, perceber particularmente a importância que a criatividade assume na vida humana. Em segundo lugar, esclarecer o que se entende por arte e experiência artística e a sua relação com o ser humano. Por último, perceber a presença dos “âmbitos” na arte e na experiência artística.

Pretendemos com o esclarecimento deste três aspetos fundamentais, criatividade, arte e experiência artística e a presença dos “âmbitos” perceber a complexidade e riqueza do mundo das artes. Assim conheceremos mais assertivamente a relação que o ser humano deve ter com a arte, de modo a obter a máxima formação integral.

A própria experiência artística e as suas condicionantes abrirão a porta para esta demonstração, tanto a produção artística como a contemplação por parte do espectador, nas suas relações com os “âmbitos”.

Foquemos em primeiro lugar, a nossa atenção na questão da criatividade, não só na vida artística, mas também na vida humana em geral.

2.1. A criatividade, seu poder transfigurador

Falar do conceito de criatividade conduz-nos imediatamente para o mundo das artes e da criação artística, o que faz todo o sentido pois é através da arte e da produção artística que

¹ “La experiencia artística ejerce función formativa eminente cuando se la vive de forma integral, sin despojos injustificados, en toda su riqueza y complejidad.” (Quintás, 1995: 208)

a criatividade mais espontaneamente se vê em ação. Porém, em geral a criatividade também assume particular importância na vida humana.

Começamos então por esclarecer, do ponto de vista das artes, o conceito de criatividade. Segundo Quintás “[e]m princípio, a criatividade vem unida ao aparecimento de uma *realidade nova*.”¹. Deste modo, por criatividade entende-se “fazer algo de novo”, produzir algo que ainda não foi elaborado, algo de inovador. Adquire portanto o sentido próprio de “criação” e por isso pode ser vista como uma experiência de enriquecimento para o homem.

Segundo Quintás o ser humano “[p]ara ser criativo, deve estar aberto às realidades envolventes e esforçar-se em assumir as diversas possibilidades de jogo criador que lhe são fornecidas.”². Deste modo, ser verdadeiramente criativo exige conhecer a realidade que o envolve de um modo muito preciso, conhecer todas as suas possibilidades, e atuar sobre a mesma de um modo lúdico – criativo.

Esta relação com a realidade traz à superfície, de novo, o conceito de âmbito: o homem é criativo quando de transforma realidades fechadas (objetos) em realidades abertas (âmbitos): “[q]uando o ser humano adota na vida uma atitude criadora, está convertendo constantemente os *objetos* e os meros espaços em «*âmbitos*».”³

Assim considera-se a criatividade como um poder transfigurador da realidade, permite o conhecimento e distinção das realidades presentes, proporcionando uma atitude riquíssima através da criação de âmbitos. Esta estreita ligação ao âmbito aproxima-nos da experiência de “encontro”.

2.2. Arte e experiência artística

Dada a potencialidade de transfiguração que a criatividade possui, ou seja, a sua capacidade de elevar objetos a âmbitos pela adoção de uma atitude criativa na nossa vida, ela permite-nos ultrapassar a barreira do objeto. Mas é na arte que ela revela todo o seu poder. Vejamos mais em pormenor.

¹ “En principio, la creatividad va unida con la aparición de una *realidad nueva*.” (Quintás, 1999: 446).

² “Para ser creativo, debe estar abierto a las realidades del entorno y esforzarse en asumir las diversas posibilidades de juego creador que le otorgan.” (Quintás, 1999: 448).

³ “Cuando el ser humano adopta en la vida una actitud creadora, está convirtiendo constantemente los *objetos* y los meros espacios en *âmbitos*.” (Quintás, 1993: 28)

O mundo das artes é um mundo bastante complexo, pois não se encerra num único conceito, num único elemento, nem numa única experiência, já que a arte pode assumir diversos significados conforme a entendermos sob um ponto de vista teórico, de um ponto de vista experiencial, cultural, entre outros.

Para Alfonso López Quintás, a arte tem valor e importância pelo facto de nos abrir a novos âmbitos. Como refere o próprio autor, “[a] arte está livre do mundo dos objetos e suas leis, mas esta libertação tem como meta poder elevar-se mais livremente ao mundo dos âmbitos e suas condições.”¹. Desta forma, o conceito de arte não se determina sobre uma característica visível, que lhe dê o valor de arte, mas sim por uma característica relacional que a teoria do âmbito tem a capacidade de explicar.

Portanto, é esta característica relacional presente na arte, resultante da teoria âmbitual que nos abre o caminho para o melhor entendimento do conceito de arte: “A arte plasma momentos únicos da realidade, aqueles em que ocorre o encontro do homem criador com as vertentes da realidade capazes de o apelar a uma ação cheia de sentido.”² A arte é então uma criação do homem que, por ser fruto da relação de “encontro” entre ele e uma determinada realidade, resulta num âmbito. Por último, relativamente à realidade que a própria obra de arte assume, encontra-se segundo uma atitude colaborativa, Quintás, “A obra de arte é constitutivamente necessitada. Requer a colaboração de quem saiba dialogar com ela e funde o encontro com uma realidade ambital.”³. De facto, a obra de arte assume a necessidade de uma atitude de colaboração para que seja vista como obra de arte, pois tende a perder todo o seu valor e significado se não for percecionada deste modo. É então importante salientar a necessidade de colaboração, para que a arte adquira todo o seu sentido.

É através da necessidade colaborativa presente na arte que a relação lúdica adquire todo o seu significado. No que diz respeito à presença da capacidade lúdica na atividade artística, Quintás na sua obra defende o seguinte: “O carácter lúdico vincula-se a todas as artes: interpretação musical e dramática, a criação pictórica, escultórica e arquitetónica, a composição musical e a dança.”⁴. Assim todas as vertentes artísticas terão na sua génese

¹ “El arte está liberado del mundo de los objetos y sus leyes, pero esta liberación tiene como meta poder elevarse más libremente del mundo de los ámbitos y sus entrecruzamientos.” (Quintás, 2010: 281)

² “El arte plasma los momentos señeros de la realidad, aquellos en los que acontece el encuentro del hombre creador con las vertientes de la realidad capaces de apelarlo a una acción rebosante de sentido.” (Quintás, 2010: 285)

³ “La obra de arte es constitutivamente menesterosa. Requiere la colaboración de quien sepa dialogar con ella y funde en el encuentro una realidad ambital.” (Quintás, 2010: 236)

⁴ “El carácter lúdico vincula a todas las artes: la interpretación musical y dramática, la creación pictórica, escultórica y arquitectónica, la composición musical, la danza.” (Quintás, 2010: 234)

carater lúdico, ou seja toda e qualquer vertente artística estimula no ser humano a sua capacidade colaborativa.

Não se trata de uma relação qualquer, mas de uma relação ativa na qual o ser humano sai verdadeiramente enriquecido. Esta é a característica da autêntica experiência artística. Segundo Quintás, “[a] experiência artística revela que o homem tem a possibilidade de estabelecer modos de unidade inesperadamente profundas com certas realidades.”¹. O homem é um ser de encontro que se desenvolve estabelecendo relações com a realidade, porém só a realidade “ambiental” (aberta) lhe permite esta relação. Deste modo, a experiência artística terá um papel determinante na formação humana.

2.3. O âmbito e a experiência artística

Já vimos, anteriormente, que existe uma relação fundamental entre a arte e os âmbitos, entre a experiência artística (que se encontra entre a obra, o criador e o espectador) e a instituição de novos âmbitos.

Recordemos o essencial do conceito de âmbito: “[â]mbito de um modo geral indica uma realidade que pode oferecer possibilidades e receber outras.”². Assim sendo, o conceito de âmbito não se encerra numa condição de realidade comum, mas sim numa realidade que oferece um campo de possibilidades de ação perante a realidade, por isso, se diz ser uma realidade relacional, ou seja traz consigo a relação de “encontro” já referida.

Este é o grande desígnio da obra de arte: “levar à presença do espectador não os objetos, mas sim «âmbitos de realidade».”³ O objetivo da arte não é trazer para o mundo objetos, realidades fechadas, mas sim âmbitos, realidades abertas, que permitam e ofereçam um infinito campo de ação, que permitam o seu verdadeiro conhecimento e significado através de uma atitude relacional, ou seja através do “encontro”. Portanto, se o objetivo da arte é trazer à presença do homem realidades ambientais, a arte enquanto experiência estará inevitavelmente ligada a esta atitude relacional, ou seja através da experiência artística o

¹ “La experiencia artística nos revela la posibilidad que tiene el hombre de establecer modos de unidad insospechadamente profundo con ciertas realidades.” (Quintás, 2010: 38)

² “Ámbito indica en general una realidad que puede ofrecer unas posibilidades y recibir otras.” (Quintás, 1998: 191)

³ “Lo que el gran arte de todos los tiempos intenta plasmar y traer a presencia del espectador no son objetos, sino «âmbitos de realidad».” (Quintás, 2010: 152)

homem estabelecerá o contato com realidades de elevada importância para o seu desenvolvimento.

Começemos pela obra de arte como elemento central da experiência artística gerada por ação do seu produtor - o artista, e vocacionada para ser contemplada pelo observador. Segundo Quintás, “[a] obra de arte plástica traz dois modos de realidades diferentes, *os objetos e os âmbitos*.”¹. Deste modo a obra de arte assume dois modos de realidade diferentes, a de objeto, pelas suas características físicas, e a de âmbito, pois permite que o observador e o artista estabeleçam uma relação de encontro com a mesma. Quanto ao poder expressivo que a obra de arte possui, Quintás socorre-se da capacidade que o artista tem de conhecer a sua realidade envolvente, “Um grande artista é, ao mesmo tempo, um artesão que sabe modelar a matéria, um desenhador que acerta a conferir uma ordenação bem trabalhada, sensível aos valores que expressa na obra é um homem enraizado no contexto sociocultural, ético e religioso.”². Por isso o valor expressivo da obra de arte não se encerra apenas na sua representação, naquilo que pela técnica o artista traz para a obra, mas sim a capacidade que o artista tem de transmitir a sua sensibilidade perante o mundo onde está inserido, nomeadamente no seu contexto sociocultural, ético e religioso. Deste modo, o valor expressivo da obra de arte não se encontra de um modo simples e concreto. É necessário entrar no âmbito da obra de arte para descobrir o seu significado.

Quanto ao artista, segundo Quintás, “tem um poder singular de intuir o caráter ambiguo e relacional das realidades e acontecimentos, e expressá-los e dar-lhe corpo numa figura sensível.”³. Isto é, quando o artista produz uma obra de arte, não apresenta a sua expressão de uma forma mimética. Para o artista se expressar terá primeiramente de conhecer a realidade em toda a sua essência, ou seja, relacionar-se com ela. Assim transforma aquilo que vê numa expressão artística – numa obra de arte – que adquire características físicas, mas como é fruto da relação de encontro entre o artista e a realidade que o envolve adquire também características de âmbito de realidade. Quintás considera a riqueza da obra de arte pelo esforço dedicado pelo artista, “A obra de arte é uma realidade configurada por um artista, que

¹ “La obra de arte plástico ensambla dos modos de realidades distintas, *los objetos y los ámbitos*.” (Quintás, 1999: 132)

² “Un gran artista es, al mismo tiempo, un artesano que sabe modelar la materia, un diseñador que acierta a conferirle una ordenación bien trabada, un sensitivo de los valores que van expresarse en la obra, un hombre arraigado en un entrono sociocultural, ético, religioso.” (Quintás, 2010: 234)

³ “El artista tiene un poder singular para intuir el carácter ámbital, relacional de las realidades y acontecimientos, y expresarlo y darle cuerpo en una figura sensible.” (Quintás, 2010: 38)

de modo esforçado, criador, multidimensional, soube mover-se simultaneamente em diferentes planos inter-relacionais da realidade.”¹

Algo semelhante acontece com o observador: a interpretação do trabalho do artista, da obra de arte, depende da relação que o observador estabelece com a obra de arte. Quando o observador apenas assume as características físicas da obra de arte, não está a criar qualquer vínculo com a obra e portanto apenas a vê como objeto. Mas, se entrar em relação com a obra de arte, ao tentar conhecer e perceber toda a sua realidade, estará a relacionar-se com a obra e a assumi-la como um âmbito de realidade. “Essa vinculação é possível porque cada tipo de expressão artística constitui um *âmbito expressivo* e não um *objeto artístico*.”². Por isso, é necessário que o observador, relacione-se com a obra de arte para que esta seja vista como tal.

Em suma, podemos considerar o âmbito como factor fundamental na experiência artística. Quer pela criação artística quer pela interpretação artística, dá-se o contato/encontro com realidades abertas, âmbitos. É por esta possibilidade que a arte e a experiência artística se assumem tão complexas que enriquecem a formação integral do aluno.

¹ “La obra de arte es una realidad configurada por un artista que de modo esforzado, creador, pluridimensional, supo moverse simultáneamente en diferentes planos interconexos de la realidad.” (Quintás, 2010: 233)

² “Tal vinculación es posible porque cada tipo de expresión artística constituye un *âmbito expresivo*, no un *objeto artístico*.” (Quintás, 1999: 136)

Capítulo 3. Elementos da metodologia para a formação integral

Já anteriormente nos referimos à necessidade de uma metodologia adequada à formação integral dos nossos alunos. No seguimento do estudo da obra de Alfonso López Quintás, surge então um método de formação integral associado à aprendizagem das artes.

Pretendemos neste capítulo demonstrar o método de Quintás, referenciando toda uma série de elementos a ter em conta. Veremos especificamente três elementos essenciais presentes na sua obra. Em primeiro lugar, a importância do elemento professor, devido à sua proximidade com o aluno assumirá um papel determinante neste método. Em segundo lugar, a observação como elemento essencial para a percepção da arte. Por último, um guia de interpretação da obra de arte como caminho para a captação de valores.

Vejamos agora os principais elementos constituintes deste método.

3.1. O professor

Se o nosso foco é elaborar um método formativo associado ao ensino das artes visuais, o papel do professor será fundamental como formador. Isto porque é o elemento que se encontra mais próximo dos alunos e tem como responsabilidade servir de mediador entre a escola e o aluno.

O professor é, por própria definição, o que realiza na escola a tarefa de educar, o que, segundo López Quintás, é “uma tarefa mais ampla e profunda que *instruir* e *adestrar*. Significa ajudar os alunos a configurar a sua personalidade entrando numa relação ativa e receptiva, a par, com as que lhe dão possibilidades valiosas.”¹. À luz deste pensamento, educar, ultrapassa o mero gesto de instruir e/ou transmitir conhecimento. Educar promove a possibilidade de crescimento pessoal, isto é, permite uma formação humana. Contudo, para isso é necessário que o aluno vivencie experiências valiosas, ou seja, que realize o encontro.

Mas como realiza o professor o seu papel de formador?

“Para exercer papel de formador, além de informador, cada professor tem de sacar partido da sua disciplina para clarificar o melhor possível o sentido dos conceitos decisivos no processo formativo:

¹ “Educar es una tarea más amplia y profunda que *instruir* y *adestrar*. Significa ayudar a los alumnos a configurar su personalidad entrando en relación receptiva y activa, a la par, con cuanto les otorga posibilidades valiosas.” (Quintás, 2006: 7)

âmbito, experiência reversível, encontro, valores, virtudes, ideal de unidade, sentido, criatividade, pensamento relacional, linguagem e silêncio, vertigem e êxtase, afetividade...”¹

Deste modo, para o professor exercer o autêntico papel de formador terá de “clarificar” as matérias, ou seja, transmitir os conteúdos, para além disso deverá também entrar num processo formativo com o aluno, de modo a inseri-lo nas realidades verdadeiramente formativas, já anteriormente referidas, englobando na sua prática pedagógica os conceitos de: âmbito, encontro, experiência reversível, entre outros.

É neste sentido que o professor surge como autêntico guia, “alguém que se esforce por conhecer a fundo o que é a vida humana, as leis do seu desenvolvimento, o ideal que move o seu crescimento e o transmita, aos alunos de forma clara e decisiva.”². O professor é um guia quando sabe usar a sua disciplina para a formação humana no sentido já referido.

Como já dissemos, o professor terá de ir além da transmissão de conhecimento essencial à unidade curricular que leciona, pois a própria unidade curricular “[p]ara ser formativa, cada disciplina deve ajudar os alunos a descobrir o valor da relação, espantar-se com a sua fecundidade e constata-la nas múltiplas realidades que povoam o universo e nas que tecem o mundo cultural.”³

A competência e habilidade do professor enquanto formador consistirá em saber utilizar a sua disciplina e as suas matérias em prol de uma autêntica formação. Mas para isso é preciso, “um método eficaz para conseguir que a atividade informativa desempenhe também uma função claramente *formativa*.”⁴

Na tentativa de esclarecer esta orientação iremos aplicá-la na unidade curricular de História da Cultura e das Artes, pois é sobre esta que iremos desenvolver mais adiante na nossa prática pedagógica.

Mas mesmo com a adoção desta prática pedagógica, que confere ao professor o estatuto de formador, há ainda uma dificuldade por vencer, a de levar o aluno a observar

¹ “Para ejercer papel de formador, además de informador, cada profesor ha de sacar partido a su disciplina para clarificar lo mejor posible el sentido de los conceptos decisivos en dicho proceso formativo: ámbito, experiencia reversible, encuentro, valores, virtudes, ideal de la unidad, libertad creativa, sentido, creatividad, pensamiento relacional, lenguaje y silencio, vértigo y éxtasis, afectividad...” (Quintás, 2006: 9)

² “«*Necesitamos guías auténticos*», personas que se esfuerzen en conocer a fondo lo que es la vida humana, las leyes de su desarrollo, el ideal que impulsa su crecimiento, y lo transmitan a otras personas de forma clara y decidida.” (Quintás, 2006: 2)

³ “Para ser formativa, cada disciplina debe ayudar a los alumnos a descubrir el valor de la relación, asombrarse de su fecundidad y constatarla en las múltiples realidades que pueblan el universo y en las que tejen el mundo cultural” (Quintás, 2006: 9)

⁴ “un método eficaz para conseguir que la actividad informativa desempeñe también una función netamente *formativa*.” (Quintás, 2011: 193)

verdadeiramente a obra de arte, percecionando, por exemplo, determinados pormenores plásticos. Para isso há que cultivar o poder de observação do aluno, levá-lo a olhar para a obra de arte na sua totalidade. Vejamos então de seguida o que poderá ser feito.

3.2. A importância da observação

Estimular para a observação é já uma das premissas presentes na unidade curricular em estudo, e esse estímulo é feito, nomeadamente, por meio da apresentação de imagens, de representações de obras de arte. Para estes dois elementos – a observação e a representação de imagens - proporcionarem ao aluno formação, este deverá conhecer a obra de arte na sua realidade, pois só conhecendo todos os aspetos presentes nela, conseguirá atingir o encontro. Mesmo a atitude formadora por parte do professor, apontando o caminho possível para efetuar esse encontro e para transformar a informação em formação, não completará o seu sentido se o aluno não conseguir observar a obra de arte na sua totalidade. Viviana A. Obligado, uma reconhecida intérprete de López Quintás, aponta-nos nessa direção:

“Ver não tem a mesma importância que observar. Aprender como o perceber leva tempo e implica treinamento. Por isso é evidente que o desenvolvimento da perceção nas artes deve-se ir desenvolvendo ao longo de toda a vida.”¹

O grande problema aqui identificado é o facto de os alunos não se encontrarem minimamente dispostos a observar devidamente. Regra geral, o produto das suas observações é incompleto e superficial. Impera assim a necessidade de criar uma ferramenta que tenha como propósito exercitar a sua observação para que não mais escapem pormenores visuais tão importantes para uma interpretação bem-sucedida.

¹ “Ver no es lo mismo qué es importante observar. Aprender de qué modo percibir implica tiempo y supone entrenamiento. Por eso es evidente que el desarrollo perceptivo en las artes puede seguir desplegándose a lo largo de toda la vida.”¹ (Obligado, 2008: 114)

3.3. Guia para a interpretação da obra de arte

Afirma López Quintás que: “Nada mais urgente na estética da criatividade que desenvolver a capacidade de captar as obras de arte em todo o seu relevo, em sua forma específica de unidade-diversidade, que é o fundamento do seu poder expressivo, seu caráter íntimo, sua condição inesgotável, suas múltiplas matizes.”¹.

López Quintás propõe-nos um guião para a captação da obra de arte, que consiste numa estratificação da obra de arte em sete níveis, possibilitando ao aluno focar a sua atenção em cada nível e assim ir construindo a sua interpretação da obra de arte. Através deste caminho proposto, o aluno estará a relacionar-se com a obra de arte e a entrar dentro dela, a fazer dela um âmbito.

Este guia estratifica a obra de arte em sete patamares de significação permitindo perceber a obra de um modo mais completo, interpretar mais concretamente a obra de arte, absorvendo verdadeiramente a obra de arte. Esta estratificação da obra de arte em 7 planos conduz ao campo presencial dos valores, pois o grande objetivo desta estratificação centra-se no nível final, que se refere ao sentimento, ou seja, à capacidade de o aluno vivenciar um valor mais alto. Desenvolvido num momento de êxtase, ao integrar uma atitude de generosidade e de colaboração, no verdadeiro decurso destes níveis, fará com que o aluno seja capaz de adquirir um conhecimento profundo da obra de arte e de interiorizar uma experiência positiva, e logo se encontra perante valores mais elevados. Em oposição, se o aluno, adotar uma atitude egocêntrica só será capaz de percorrer alguns níveis, obtendo um conhecimento superficial da obra de arte e por isso tornará a sua experiência negativa. Deste modo não será capaz de entender verdadeiramente a obra de arte.

Em suma, este guião assume uma grande importância para o sucesso desta investigação – o acesso à formação através do ensino artístico - e para o entendermos melhor e percebermos em que consiste, dedicaremos os subcapítulos seguintes à descrição de cada nível.

¹ “Nada más urgente en la Estética de la creatividad que desarrollar la capacidad de captar las obras de arte en todo o su relieve, en su forma específica de unidad-diversidad, que es el fundamento de su poder expresivo, su carácter íntimo, su condición inagotable, sus múltiples irisaciones.” (Quintás, 2010: 236)

3.3.1. Nível 1. Os elementos físicos

No primeiro nível, como o próprio subtítulo indica, é necessário ter a nossa atenção centrada nos elementos físicos presentes numa obra de arte, ou seja, em todos os materiais que compõem a obra de arte; estes têm importância no processo de interpretar a obra de arte. Estes materiais podem ser, por exemplo, no caso da pintura as cores; na música, as notas presentes e na escultura o material em que a peça foi esculpida. Deste modo, no primeiro nível, o observador deve captar o valor expressivo de cada material presente, como afirma López Quintás, “[o]s diferentes materiais que a arte utiliza têm um poder expressivo singular que toda a pessoa sensível é capaz de descobrir.”¹. Portanto, é o próprio valor expressivo que o material tem que capta a atenção dos sentidos do observador.

3.3.2. Nível 2. A ligação entre os elementos físicos

No segundo nível Quintás dedica a sua atenção à relação que os elementos físicos podem assumir entre si e a sua consequência perante o seu valor expressivo: “[o]s elementos físicos – sons, cores, materiais de construção... - ganham um valor expressivo novo quando se misturam uns com outros.”². Com este pensamento, o valor expressivo de cada elemento físico, referenciado no 1º nível, altera-se, transforma-se e enaltece-se ao relacionar-se com os outros elementos físicos. “A textura própria de cada material modifica-se pela proximidade de outro material, que exerce sobre ela uma influência particular.”³. Assim, é através da ligação entre os elementos físicos que a obra adquire novo valor. Porém, o observador encontra-se ainda no domínio de valores expressivos, ou seja, ainda captados pelos seus sentidos.

¹ “Los distintos materiales que utiliza el arte ostentan un poder expresivo singular que todo persona sensible sabe descubrir.” (Quintás, 2010: 236)

² “Los elementos físicos –sonidos, colores, materiales de construcción...- ganan un valor expresivo nuevo cuando se entrecruzan unos con otros” (Quintás, 2010: 238)

³ “La textura propia de cada material es modificada por la proximidad de otro material, que ejerce sobre él un influjo particular” (Quintás, 2010: 238)

3.3.3. Nível 3. A estruturação de formas

No nível 3, o autor Alfonso López Quintás concentra-se na estrutura que os elementos físicos interligados acrescentam relativamente ao seu valor expressivo.

A relação que esses elementos adquirem confere um novo significado expressivo resultando numa estrutura. Segundo Quintás, “[o]s materiais não só se vinculam entre sí e se matizam, mas também participam na tarefa de instaurar certas formas e articulam-se de um modo muito preciso, conforme a causa dos distintos estilos artísticos.”¹. Ao relacionarem-se e conectarem-se, os elementos físicos começam a constituir uma espécie de forma, ou seja, organizam uma estrutura. Esta estrutura adquire ainda um valor expressivo diferente, conforme as intenções ou diretrizes do estilo artístico a que a obra de arte pertence. De certa forma, o estilo artístico a que pertence obra de arte fornece orientações precisas na sua interpretação.

Nos estilos artísticos existe uma certa predominância de um determinado tipo de estrutura. Exemplificando, uma produção artística do estilo clássico apresenta uma estrutura completamente diferente de uma obra expressionista e assim cada uma delas resultará em interpretações completamente distintas e específicas, mesmo tendo presentes os mesmos elementos físicos: “[v]istos no plano «objetivo», os materiais apresentam sempre a mesma condição, valor expressivo idêntico. Em diferentes contextos, de uma estrutura artística podem apresentar sentidos diversos.”². Significa isto que as formas geradas pelos elementos físicos tomam um valor expressivo de acordo com a época, e estilo na qual a obra de arte se insere.

É, portanto, o último nível onde o observador apreende as qualidades expressivas presentes na obra, através dos sentidos.

¹ “Los materiales no sólo se vinculan entre sí y matizan, sino que participan en la tarea de instaurar ciertas formas y articularlas de un modo muy preciso, conforme al cauce de los distintos estilos artísticos.” (Quintás, 2010: 239)

² “Vistos en el plano «objetivo», los materiales presentan siempre la misma condición, idéntico valor expresivo. En los diferentes contextos de una estructura artística pueden ostentar sentidos diversos.” (Quintás, 2010: 240)

3.3.4. Nível 4. A representação de figuras/acontecimentos naturais e expressão de âmbitos.

Antes de explicitarmos o que se pretende com a demonstração do nível 4, tomemos primeiramente atenção à presença da palavra âmbito no subtítulo. Deste modo a complexidade deste processo de estratificação da obra de arte em 7 planos parece aumentar comparativamente aos níveis anteriores que, de um modo sintético, apresentavam apenas dimensões relativas aos materiais presentes na obra de arte e ao seu valor expressivo. A inclusão agora do termo “âmbito” vem sugerir um grande campo de possibilidades na interpretação da obra de arte. Por isso é no nível 4 que o observador necessita ultrapassar o significado dos valores expressivos captados pelos seus sentidos, obrigando o observador a mergulhar de um modo mais profundo na obra arte. Este salto de profundidade na interpretação da obra de arte aproxima cada vez mais o observador da atitude lúdica e colaborativa presente na arte, ou seja, inicia-se a relação de encontro.

Afirma Quintás: “[c]om frequência uma obra de arte, devidamente estruturada ou configurada, representa figuras ou acontecimentos que pertencem ou ocorrem na vida quotidiana.”¹. Acrescenta ainda o mesmo autor que “[n]o caso da escultura e da pintura, é indubitável que se transmite aos contempladores figuras de certos acontecimentos e realidades. O que resulta erróneo é pensar que tais obras toma pela sua representação a sua única meta.”².

Ao recorrermos ao ponto que analisámos relativamente à experiência artística verificamos que, o objetivo da obra de arte é plasmar âmbitos e não figuras. Sabemos ainda que o âmbito se considera um campo de possibilidades, logo não podemos ver as figuras como a sua mera representação, mas como um âmbito. É necessário estabelecer uma relação de colaboração com as figuras, procurando perceber todas as suas possibilidades interpretativas. É neste sentido que surge o termo âmbito na arte, à luz do que foi já referido anteriormente. Do ponto de vista do artista, a sua produção artística resulta de uma relação complexa, fruto de uma relação de encontro com a realidade, e por isso também do ponto de vista do observador, é exigido um maior esforço em perceber a realidade ambital que o

¹ “Con frecuencia, una obra de arte, debidamente estructurada o configurada, representa figuras o acontecimientos que se hallan o tienen lugar en la vida cotidiana.” (Quintás, 2010: 241)

² “En el caso de la escultura y la pintura, es indudable que se transmite a los contempladores de tales obras la figura de ciertos acontecimientos y realidades. Lo que resulta erróneo es pensar que tales obras toman dicha representación como su única meta.” (Quintás, 2010: 241)

artista traz para o seu trabalho. É, portanto, evidente que para o observador perceber a presença do âmbito na obra de arte, necessite entrar em relação de encontro com a mesma.

Deste modo, o objetivo deste nível 4 é alertar o observador para não interpretar a representação de figuras de um modo direto e superficial, pois pela sua condição de âmbito adquirem múltiplas possibilidades de interpretação, resultando numa atitude colaborativa entre o contemplador e a obra de arte. Exigindo assim, do ponto de vista do observador, um maior esforço, transcendendo os seus próprios sentidos, onde iniciará a sua relação de encontro.

3.3.5. Nível 5. O mundo que encarna expressivamente a obra de arte

No nível 5 deparamo-nos com o mundo que encarna expressivamente a obra de arte. Quintás caracteriza-o do seguinte modo: “[a] obra de arte está tecida por uma trama de âmbitos entreverados. Tal entreveramento não é casual nem arbitrário; responde à mentalidade de uma época e de um autor inserido nela.”¹. Quer com isto dizer que a obra compõe-se por um grupo de âmbitos, ou seja, de figuras ou representações que fazem parte de um conjunto ao qual chamamos obra de arte e que ganham valor de âmbito pelas suas características de campo de possibilidades e por serem fruto de uma produção humana. O artista ao produzir certa obra de arte coloca todo o seu esforço, intelecto, vontade, dedicação, entre outras, nesse ato de fazer algo. Por isso, “[e]m cada quadro não só nos apresentam umas figuras e umas imagens; plasma-se uma mentalidade, uma atitude perante a vida, uma posição espiritual.”².

Este nível tem como objetivo levar o observador a contemplar a obra de arte como um todo, uma unidade, como resultado da atitude do artista, da intencionalidade com que o autor elabora a obra de arte. Este tópico é fundamental para construir uma interpretação fidedigna da obra de arte em questão. Daí a necessidade de se conhecer certos elementos, como o autor da obra de arte, a época em que viveu e a intencionalidade com que produziu a obra, elementos estes designados por Quintás como elementos mediadores da obra de arte.

¹ “La obra de arte está tejida por una trama de ámbitos entreverados. Tal entreveramiento no es casual ni arbitrario; responde a la mentalidad de una época y de un autor inserto en ella.” (Quintás, 2010: 255)

² “En cada cuadro no sólo se nos presentan unas figuras y unas imágenes; se plasma una mentalidad, una actitud ante la vida, una posición espiritual.” (Quintás, 2010: 256)

3.3.6. Nível 6. O ambiente próprio da obra de arte

No nível 6, Quintás sugere o estudo do enquadramento total da obra de arte, que expõe do seguinte modo: “[p]or ser fruto do encontro do artista com a realidade circundante, cada obra de arte autêntica surge de um determinado ambiente e a ele lhe pertence, porque é nele que funde suas raízes. A compreensão plena da obra de arte só se dá quando a vemos surgir no seu ambiente natural.”¹. Daqui se depreende que a verdadeira compreensão da obra de arte só é possível se esta estiver no seu meio natural. Entendemos então por meio natural da obra de arte o local para onde a intervenção foi pensada. Isto porque na soma dos factores a ter em conta na interpretação da obra de arte já descritos, se uma obra de arte se encontrar deslocada do seu meio natural dificilmente será interpretada do mesmo modo.

Tomemos como exemplo a obra intitulada “Fonte”, de Marcel Duchamp. Se esta obra de arte, não estivesse presente no museu certamente tenderia a perder o seu valor de obra de arte. Contudo foi idealizada para determinado local, e por isso, adquire valor de arte.

Posto isto, o grande objetivo do nível 6, é alertar o observador para que este insira a obra no seu meio próprio na tentativa de uma interpretação mais fiel.

3.3.7. Nível 7. O poder emotivo da obra de arte

No nível 7, nível final desta estratificação da obra de arte, apresenta-se o poder emotivo presente na obra de arte.

Segundo o mesmo autor: “[c]ada plano ou elemento integrante da obra de arte tem seu efeito peculiar na emotividade humana. Os estímulos sensíveis produzem no homem diversos tipos de sensações, que podem ser agradáveis ou desagradáveis.”².

Posto isto, consideramos da maior importância este nível de significação da obra de arte, pois cada elemento presente em cada nível fornece-nos estímulos e ao subirmos nos níveis estamos a acrescentar ainda mais estímulos, estímulos estes cuja interpretação faz com que se nos tornem íntimos e assim provoquem sentimento. O sentimento pode variar, como é

¹ “Al ser fruto de encuentro del artista y la realidad circundante, cada obra de arte auténtica surge en un entorno determinado y a él pertenece e porque en él hunde sus raíces. La comprensión plena de una obra sólo se da cuando se la ve surgir en su medio natural.” (Quintás, 2010: 257)

² “Cada plano o elemento integrante de la obra de arte tiene su repercusión peculiar en la emotividad humana. Los estímulos sensibles producen en el hombre diversos tipos de sensaciones, que pueden ser placenteras o desagradables.” (Quintás, 2010: 258)

óbvio, consoante a interpretação que é feita desses estímulos. Porém, a essência de toda esta estratificação da obra de arte reside na possibilidade de o observador, ao receber os estímulos propostos pelos 7 planos, desenvolver a relação de “encontro” com a obra de arte. Deste modo, ao conhecer a obra de arte na sua verdadeira essência senti-la-á verdadeiramente. Para isso deverá interpretar devidamente todos os seus elementos.

Em suma, se o observador conseguir percorrer devidamente os 7 planos da obra de arte propostos por Alfonso López Quintás, será capaz de experienciar o sentimento, sinal que a obra de arte lhe acrescenta algo de novo.

No decorrer deste processo, o observador será colocado perante os três primeiros níveis centrados em valores expressivos, ou seja, captados pelos sentidos, adquirindo dos mesmos uma interpretação inicial da obra. Na chegada ao 4 nível é exigido ao observador um esforço que transcende os sentidos, causando no observador algumas sensações. Estas sensações no decorrer dos últimos níveis vão tornando-se cada vez mais profundas, chegando ao nível 7, nível dos sentimentos, o ser humano experimenta a profundidade máxima. Esta experiência máxima assume um caráter positivo. Pois o ser humano ao conseguir desenvolver este tipo de relação com a arte, conseguirá mais facilmente distinguir o valor das realidades que o envolvem, demonstrando assim que a arte é um poderoso meio de enriquecimento da interioridade do ser humano. Deste modo contribui decisivamente para a formação pessoal dos alunos e de toda a pessoa.

Capítulo 4. Conclusão da primeira parte

Do estudo da obra de Alfonso López Quintás desenvolvemos a ideia de implementar uma formação integral aos nossos alunos, através do ensino das artes visuais. No desenvolvimento desta ideia surgiram-nos, na sua obra, três factos principais nesta procura. A formação integral do aluno, as artes como caminho para a formação integral do aluno e a proposta de uma metodologia do autor ao serviço da aprendizagem das artes visuais. No desenvolvimento dos temas referido retiramos as seguintes conclusões.

Começando pelo conhecimento do conceito de formação integral, vimos que o ser humano é um ser de “encontro”, que se forma através do contato com as realidades envolventes. Ou seja, as realidades com as quais o ser humano se cruza na sua vida e assumem um papel fundamental na sua formação. Descobrimos ainda que existem dois tipos de realidades, realidades fechadas, que não permitem o desenvolvimento do ser humano, e realidades abertas, âmbitos de realidade. Estas realidades ambituais abrem um campo de possibilidades ao ser humano, pois assumem uma característica relacional. Esta característica relacional faz com que uma realidade ultrapasse a sua condição de objeto, ao ultrapassar a condição de objeto permite ao ser humano interagir com ela (relação lúdica), possibilita a relação de “encontro”. Relação fundamental para a formação do ser humano.

Em seguida mostrámos dois processos de formação para os valores. Processos com base em atitudes opostas, com consequências opostas na formação do ser humano. Verificamos que só o processo de êxtase, resultante de uma atitude colaborativa, fornece ao ser humano uma visão profunda do mundo e dos valores, é portanto, o processo a ter em conta na formação integral do aluno. A par deste processo verificamos que arte e a experiência artística vivida de modo íntegro assumem um papel determinante no desenvolvimento humano.

Portanto, é importante alterar processo formativo existente no ensino atual, procurando um método capaz de fornecer aos nossos alunos formação integral. Em resposta a esta procura Alfonso López Quintás aponta o ensino das artes como caminho orientador nesta procura.

Concluindo, em primeiro lugar, a criatividade surge principalmente associada ao mundo das artes e traz consigo o ato de “criação”, de uma nova realidade. Que por ser resultado de um ato esforçado do ser humano considera-se um âmbito. Permite então, que o ser humano transforme uma realidade fechada, (objeto) numa realidade aberta, (âmbito). Daí se afirmar que possui este um poder transfigurador.

Em segundo lugar, que a arte e a experiência artística fornecem ao ser humano experiências complexas e ricas do ponto de vista de todos os seus intervenientes, a obra de arte, o artista e o contemplador. A obra de arte assume-se como um âmbito, pois traz em sua génese um campo de possibilidades aberto à interpretação do ser humano. O artista pelo seu ato de criação, necessita primeiramente de conhecer a realidade de um modo preciso, para em seguida produzir a obra. Pelo seu esforço afirma-se que produz âmbitos de realidade. Por fim o contemplador, para conseguir interpretar verdadeiramente a obra de arte (âmbito) necessita de entrar numa relação lúdica com a mesma, ou seja necessita se encontrar com ela.

Em terceiro lugar, por esta presença do âmbitua presente em todos os intervenientes da obra de arte, verificamos que para o ser humano adquirir formação através da arte, necessita de entrar em relação com a mesma.

Para isso, foi estruturante conhecer a metodologia de Alfonso López Quintás tendo em vista o nosso objetivo, sugere três elementos essenciais, que se deve ter em conta na sua metodologia, são estes o professor, a observação e a apresentação de um guia interpretativo da obra de arte.

Assim é necessário que o professor, como elemento mais próximo do aluno, seja capaz além de transmitir os conteúdos, também lhes mostre o caráter relacional que as realidades podem assumir, desta forma será capaz de estimular a formação integral do aluno através da lecionação das matérias. Tratando-se do ensino artístico o estímulo da observação ganhará também uma importância fundamental, pois é através da observação que o aluno é capaz de captar as realidades.

Particularmente vinculada à unidade curricular em aplicação, normalmente estas realidades, são de sua natureza obras de arte e por isso devemos orientar a observação da obra de arte, seguindo as orientações de um guia interpretativo da obra de arte. Este guia interpretativo da obra de arte é a peça fundamental a ter em conta no processo prático. Pois é através deste guia que o aluno será capaz de conseguir a interpretação da obra de arte, de modo completo e profundo. Ao ser capaz de assumir este grau de profundidade na arte faz com que o nosso objetivo seja conseguido.

De um modo geral são estas considerações que tivemos em conta na procura de cumprir com nosso objetivo e como tal servem de ideias orientadoras da nossa prática pedagógica.

Parte II. Aplicação pedagógica

Capítulo 5. Enquadramento prático da intervenção pedagógica

Após o aprofundamento teórico efetuado na primeira parte deste trabalho, nomeadamente o estudo dos três conceitos fundamentais para a compreensão do mesmo - conceito de formação integral do ser humano, a sua relação com a experiência artística, o guião para a compreensão da obra de arte - voltamos agora a nossa atenção para a sua aplicação prático-pedagógica.

Começaremos pela apresentação e caracterização da escola e turma onde desenvolvemos a nossa prática pedagógica. Em segundo lugar, apresentaremos a unidade curricular e o que consideramos ser a prática comum da sua lecionação. Por fim, o conhecimento das problemáticas através dos filtros teóricos estudados. Estes permitirão enquadrar e articular a nossa proposta intervenção pedagógica.

Pretendemos, com estes elementos formular um juízo crítico sobre o ensino atual, conhecendo as suas características seremos capazes de encontrar as suas problemáticas e organizar uma intervenção prática, assumindo como bases orientadoras as referências teóricas estudadas.

5.1. Caraterização da escola

A intervenção pedagógica desenvolveu-se na Escola Secundária Camilo Castelo Branco do concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga. É atualmente, sede do Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco, constituído pelas seguintes escolas: EB 2/3 Júlio Brandão, EB1 Conde S. Cosme, Centro Escolar de Antas, EB1/JI Lagoa, Centro Escolar Luís de Camões, EB1 Landim, EB1/JI Lameiras e EB1/JI Avidos.

A sua fundação remonta ao final da década de 60, como secção do Liceu Nacional Sá de Miranda de Braga, inaugurada em outubro de 1969 em Vila Nova de Famalicão. Esta secção do Liceu Nacional Sá de Miranda tinha como objetivo colmatar algumas carências a nível de instalações escolares na vila famalicense e vindo mais tarde a denominar-se Escola Secundária Camilo Castelo Branco, devido à importante referência cultural que Camilo Castelo Branco deixou no concelho de Vila Nova de Famalicão.

O consecutivo crescimento da população e da comunidade escolar de Vila Nova de Famalicão fez com que sofresse diversas alterações a nível de localização e de instalações. No ano letivo de 1985/1986 viria a ser inaugurada a sua localização atual, porém foi alvo de uma total remodelação no âmbito do programa parque escolar iniciado em 2007. Atualmente a Escola Secundária Camilo Branco assume-se como uma escola moderna e totalmente equipada.

Quanto à oferta formativa, esta propõe uma oferta diversificada, a nível dos cursos Científico-Humanísticos, cursos profissionais, tecnológicos ou de educação e formação em áreas de formação abrangentes, tais como, jardinagem, serviços jurídicos, informática, artes e design, controlo alimentar, bar e mesa, prótese dentária entre outros.

A ESCCB desde o ano letivo de 2000/2001 assume um projeto educativo que valoriza não só a componente do sucesso escolar e atividades complementares, mas também a vertente relacional pessoal e dos valores. Tem como principais metas definidas, a valorização das relações interpessoais, a promoção do sucesso escolar e a transmissão dos valores. Estas metas assumem uma mais-valia para os alunos e utentes da Escola, devendo ser reforçadas e divulgadas por toda a comunidade educativa e envolvente.

Pela identidade e caracterização da escola, salientamos o reforço das relações pessoais e dos valores, presentes no seu projeto educativo. Esta meta assume particular relevância na integração e desenvolvimento da nossa aplicação pedagógica. Reforçando a formação para os valores através do ensino artístico.

5.2. Caracterização da turma de estágio

A turma à qual aplicámos a metodologia proposta por Alfonso López Quintás assume a designação de turma H do 11º ano da Escola Secundária Camilo Castelo Branco. É constituída por 32 alunos, sendo o género feminino dominante - 24 elementos - e havendo apenas 8 elementos do género masculino. Para melhor caracterizarmos esta turma consideramos três aspetos que, por se revelarem como os traços mais marcantes da mesma, são, a nosso ver, preponderantes. Em primeiro lugar apresentaremos dados recolhidos da caracterização da turma elaborada pelo diretor de turma em contexto escolar. Em segundo lugar, tendo por base a mesma caracterização, apresentaremos os dados referentes à contextualização socioeconómica. Em terceiro lugar, tendo em conta os dados já referidos

apresentaremos o perfil comportamental, motivacional e de aproveitamento que a turma apresenta no contexto da nossa prática pedagógica.

5.2.1. Contextualização Escolar

Iniciemos então a nossa caracterização pela referência aos dados de contextualização escolar retirados da caracterização efetuada pela direção de turma e atentemos ao número de retenções, como indica a tabela seguinte:

Retenções	Nº Alunos Retidos
Ano letivo anterior	4
Outro ano letivo	6
Total de retenções	10

É importante reter desta informação que existe um grande número de elementos retidos e que por sua vez, refletem-se em potenciais problemas, nomeadamente ao nível comportamental, motivacional e de aproveitamento. Deixando uma chamada de atenção para as quatro retenções no ano letivo anterior, exigindo da nós enquanto docente uma especial atenção para com estes alunos.

Em seguida, a nível escolar:

Progressão de estudos	Nº de alunos
Pretendem concluir o 12º ano de escolaridade.	5
Pretendem ingressar no ensino superior	27

Preferência de curso	Curso pretendido
1º Preferência	Design
2º Preferência	Arquitetura
3º Preferência	Artes plásticas

De seguida vejamos as preferências relativas às unidades curriculares que frequentam:

Preferência	Disciplina	Nº de Alunos
As mais apreciadas	Desenho A	19
	Educação Física	10
	História da Cultura e das Artes	3
As menos apreciadas	Geometria Descritiva A	16
	Filosofia	10
	Português	6

A unidade curricular de Desenho A é a mais apreciada e a Geometria Descritiva A, a menos apreciada. Este dado sugere-nos uma certa incongruência, pois a Geometria Descritiva A é uma unidade curricular que assume importâncias específicas em todas as áreas pretendidas pela turma, o que pode levantar algumas preocupações fundamentais. Por outro lado também sabemos que é uma unidade curricular de elevada complexidade e exigente em todos os aspetos e por isso pode sugerir uma vez mais que a turma apresenta alguma falta de motivação para o estudo.

Relativamente à unidade curricular na qual desenvolvemos este trabalho parece-nos importante referir que apenas 3 alunos apresentaram a unidade curricular de História da Cultura e das Artes como sua preferida, e que embora não tenha sido referenciada entre as menos apreciadas este facto pode de certo modo demonstrar uma das grandes dificuldades a ultrapassar no decorrer da nossa aplicação metodológica, o que exigirá da nossa parte um grande esforço na tentativa de captar o interesse e atenção dos alunos para a disciplina, para os seus conteúdos e em especial para a nossa aplicação metodológica.

5.2.2. Contextualização socioeconómica

A situação profissional dos familiares mais próximos dos alunos, nomeadamente o Pai e a Mãe:

Grau familiar	Situação profissional	Nº de elementos
Paí	Desempregado	8
Mãe		10
Total		18

Verificamos que 18 pessoas do grupo familiar dos alunos apresentam situações de desemprego. Estas informações são importantes pois, regra geral, estas problemáticas afetam todos os elementos familiares, refletindo-se assim também no aluno de um modo direto, podendo dar origem a certas atitudes menos positivas a nível comportamental, motivacional e de aproveitamento.

Do ponto de vista do perfil ou tipo de família encontramos os seguintes dados:

Situação Familiar	Nº de famílias	Causa
Monoparental	8	Divórcio
Biparental	22	
Pais ausentes	2	Emigração

Existe um elevado nº de famílias monoparentais (8) e 2 casos de pais ausentes, ou seja, 10 apresentam-se em situação desestruturada. Embora sabendo que certas famílias monoparentais podem apresentar valores familiares sólidos, normalmente estes casos de desestruturação familiar repercutem-se de forma muito pronunciada no aluno. A perda ou desvinculação de um ou mais elementos da família acarreta geralmente consequências graves a nível das atitudes, comportamentos e motivações, que se poderão refletir na nossa prática pedagógica.

5.2.3. Aspectos comportamentais, motivacionais e de aproveitamento

Relativamente ao aspeto comportamental da turma, e perante as situações referidas anteriormente, o grupo não apresenta graves problemas comportamentais. Porém, alguns alunos mostram-se um pouco irrequietos e distraídos. Já a nível motivacional apresentam graves problemas, pois o número de alunos que apresenta preferência pela disciplina de História da Cultura e das Artes é muito diminuto, o que dificulta sempre a realização de qualquer tarefa sobretudo no que toca ao cumprimento dos prazos propostos pelo professor.

A nível de aproveitamento, este grupo assume uma particularidade muito curiosa, pois podemos nesta componente estabelecer 3 grupos diferentes. O primeiro grupo, constituído por cerca de 5 elementos apresenta um aproveitamento muito negativo, não demonstrando grande interesse pela aprendizagem e pela frequência letiva, facto que podemos associar ao elevado número de alunos retidos do ano anterior. O segundo grupo, constituído pela parte maioritária da turma, encontra-se num nível de aproveitamento muito baixo, manifestando algum interesse por desenvolver as tarefas mas apresentando muitas dificuldades de aprendizagem. O terceiro grupo, também constituído por cerca de 5 alunos, apresenta um aproveitamento bastante positivo, demonstrando sempre bastante interesse e motivação no decorrer da sua aprendizagem.

Em jeito de conclusão podemos considerar este grupo de trabalho bastante complexo e difícil de trabalhar, pelos factos apresentados, salientando a pouca preferência pela disciplina na qual se insere a intervenção pedagógica. A sua irregularidade e assimetria dificultam a prática pedagógica, podendo de certa forma condicionar a nossa intervenção pedagógica, bem como possíveis resultados obtidos no final da nossa intervenção. Outro aspeto que consideramos importante é o aspeto motivacional, que exige um esforço ainda maior por parte do docente no desenvolvimento da sua prática pedagógica. Em suma, estas características revelam-se importantes pois de certo modo poderão ter influência nos resultados, no decorrer do trabalho.

5.3. A disciplina de estágio: História da Cultura e das Artes do 11º ano

Na tentativa de partilharmos uma definição clara do que se entende pela disciplina de História da Cultura e das Artes socorremo-nos da descrição constante no próprio programa da disciplina e que diz o seguinte:

“O presente programa procura consagrar essa perpétua e fundamental interacção entre as artes e a cultura ou entre a cultura e as artes, consoante a perspectiva que se adopte na abordagem da questão. Efectivamente, entendeu-se dever potenciar, numa disciplina de *História da Cultura* integrada no âmbito do estudo das diversas *Histórias das Artes*, a compreensão dos *tempos longos* da História — observados no plano cultural, mas também nesses outros, que lhe subjazem, político, económico, social, mental, etc. —, perspectivando-os a partir de marcos materiais particularmente representativos da vida social (e, logo, cultural, política, económica, etc.) dos sucessivos tempos históricos em presença, concebidos por forma a que cada um deles projecte o anterior e antecipe o que se lhe segue, por molde a induzir sempre um entendimento dinâmico da construção da história.” (Pimentel, 2004: 3)

A referida disciplina assume uma relação entre arte e cultura, nomeadamente através do estudo quer das correntes artísticas produzidas ao longo dos tempos quer da sua relação com o mundo cultural, demonstrando a dinâmica da construção histórica entre uma coisa e outra.

Relativamente aos objetivos propostos pela unidade curricular, estes se organizam do seguinte modo:

- «tempo»; «espaço»; «biografia»; «acontecimento»; «sínteses» e «casos práticos».

No «tempo» considera-se o enquadramento cronológico dos fenómenos culturais e artísticos. No «espaço», o reconhecimento geográfico dos mesmos. Na «biografia» considera-se a compreensão dos mesmos, através da ação individual e pessoal do artista. Referindo o «local» como a compreensão dos aspetos culturais, políticos, económicos e sociais destas manifestações artísticas. Relativamente ao tópico «acontecimento» temos a valorização de uma situação concreta, marcante no contexto artístico-cultural em que se insere. Nas «sínteses» temos o reconhecimento de alguns elementos estruturantes e caracterizadores de determinada cultura e época. Nos «casos práticos» é suposto reconhecer-se a importância de certos produtos artísticos no processo histórico-cultural em que se enquadram.

Ainda seguindo o Programa do Ministério, o aluno deverá desenvolver as seguintes competências: utilizar vocabulário próprio e adequado a cada área artística; analisar a obra de

arte na sua especialidade técnica e formal; reconhecer esta mesma obra como elemento de cultura no seu tempo histórico; utilizar a obra de arte como processo fundamental do conhecimento de culturas passadas; adotar métodos de trabalho próprios, individuais ou de grupo; comunicar corretamente as suas opiniões e resultados do seu estudo, quer a nível oral, quer a nível escrito; utilizar diversos recursos de pesquisa na recolha de informação.

Tendo presente esta caracterização da unidade curricular em questão, ao confrontá-la com o objetivo fundamental do nosso trabalho, duas interrogações ou inquietações imediatamente se nos levantam e que justificam, quanto a nós, o trabalho prático a realizar com os alunos:

1. Dá esta disciplina verdadeiro lugar à componente de desenvolvimento integral do aluno?
2. Até que ponto esta disciplina questiona o mundo dos valores e da formação do aluno?

Este é, quanto a nós, o problema central: esta disciplina só faz verdadeiramente sentido se responder afirmativamente àquelas duas questões. É exatamente isso que pretendemos provar com a nossa prática pedagógica.

Em primeiro lugar, os elementos culturais não devem ser vistos apenas como meros aspetos informativos. Dado situarem-se no plano de acontecimentos importantes, que tiveram influência sobre a vida cultural das pessoas e que, como tal, assumiram influência sobre a produção artística, estes devem ser bastante explorados. Se isto não for tido em consideração os alunos não serão capazes de obter esta referência e assim não poderão perceber a importância da relação entre o acontecimento e a produção artística.

Segundo lugar, o facto de a obra de arte não dever ser vista como um mero objeto mas como um âmbito, fruto da produção humana, acrescenta valor à relação anterior que assim vê o seu sentido ampliado. Por isso, os aspetos culturais como a situação política, económica, social e mental assumem uma influência enorme na produção artística e o facto de serem considerados poderá contribuir para a descoberta da obra de arte.

Se o professor, enquanto formador, for capaz não só de transmitir estas informações como de lhes proporcionar um contexto e uma ligação com o mundo cultural, este abrirá todo um caminho para a relação de encontro e o aluno conseguirá encontrar-se devidamente com a arte e mais facilmente perceberá a produção artística.

Vejamos o seguinte, na sala de aula o aluno da disciplina em estudo recebe informações relativas aos elementos culturais e aos elementos característicos da arte. Porém, o primeiro grande desafio que propomos para esta unidade curricular, através da metodologia em análise, é o de perceber a relação existente entre os dois elementos, culturais e artísticos. Os elementos culturais não podem ser vistos nem explicitados em aula como mera informação, devem antes receber um tratamento concordante com a sua importância pois são acontecimentos que derivam da vida humana e, como tal, a sua percepção não se esgota em palavras mas terá de englobar ações e acontecimentos com influência na vida humana. O aluno deverá estabelecer com estes elementos uma relação de proximidade e de encontro. Se ele conseguir encontrar-se com estes elementos conseguirá então facilmente perceber a relação desses elementos com os elementos da coluna da arte. Os elementos culturais que determinado artista vivenciou aquando da sua produção artística, desde a situação política, económica, social até à mental, tiveram necessariamente alguma influência sobre essa mesma produção e é através desta relação existente entre os elementos culturais e os elementos da arte que a informação pode desempenhar papel de formação.

Em termos de prática pedagógica devemos considerar o seguinte. Primeiro, reforçar a importância dos conteúdos relacionados com os elementos culturais, ou seja, de contextualização social, política, económica e mental de época, na qual a obra de arte se insere, pois desta forma o aluno entenderá todo um conjunto de elementos que de certo modo se relacionam com a elaboração da obra de arte. Segundo, tendo em consideração esta preocupação, os conteúdos relacionados com arte ficam agora expostos de um modo mais simples. Deste modo o aluno ao ser confrontado com obras referentes ao movimento artístico em concreto, ao perceber de um modo mais completo os elementos culturais diretamente relacionados com a obra em questão, mais facilmente será capaz de descobrir as características da obra de arte.

Em suma, através destas mudanças a atitude do professor pode facilmente transformá-lo num formador e isso permitirá ao aluno mais facilmente estabelecer uma relação de encontro com os conteúdos, dado que será capaz de perceber na obra a ligação com o aspeto cultural da mesma.

Mas mesmo com a adoção desta prática pedagógica que confere ao professor o estatuto de formador, há uma dificuldade ainda por vencer: a de levar o aluno a verdadeiramente observar a obra de arte, percecionando, por exemplo, determinados pormenores plásticos. Para isso há que cultivar o poder de observação do aluno, levá-lo a

olhar para a obra de arte na sua totalidade. É neste sentido que orientamos a nossa intervenção pedagógica.

5.4. Identificação e caracterização da problemática

É essa mudança no caminho do ensino das artes visuais que pretendemos mostrar, a partir da unidade curricular de História da Cultura e das Artes.

Começando por tentar responder à primeira questão anteriormente formulada, relativa ao lugar que a disciplina oferece para o desenvolvimento pessoal e humano do aluno, julgamos estar isto relacionado com a desvalorização da importância dos valores na educação e na conseqüente desvalorização do ensino artístico, podendo estabelecer-se assim a primeira grande questão que justifica o desenvolvimento do trabalho. Esta questão surge, na sua prática, devido a alguns problemas de caráter político-organizacional pois, apesar da idealização do ensino presente contemplar o crescimento valorativo do aluno, na prática comum a situação não é assim tão adequada, uma vez que efetivamente o aluno é avaliado maioritariamente pela sua capacidade em adquirir conhecimento científico, depreciando deste modo a sua capacidade de crescer enquanto indivíduo, o que regra geral inviabiliza a aquisição de valores mais altos. Por outro lado, do ponto de vista prático pode-se relacionar esta mesma situação com a complexidade inerente à avaliação se o aluno adquirir formação, pois segundo o nosso estudo, subentende-se uma atitude particular por parte do docente, que devido à situação presente do ensino torna-se bastante difícil, sobretudo tendo em conta o constante aumento do número de alunos por turma, como já atrás aludimos

Em segundo lugar, uma outra questão aponta para a necessidade de compreendermos qual a possível ligação, e sua relevância, entre os objetivos elencados e a formação do aluno. Esta questão parece-nos estar relacionada ainda com a complexidade inerente ao mundo dos valores, contudo, como vimos anteriormente, a relação que o aluno deve ter com o mundo dos valores é de extrema importância para a sua formação. Porém, o que constatamos está nos antípodas, visto que o ensino atual não contempla de modo capaz o crescimento pessoal do aluno e a sua relação com os valores. Cabe-nos assim apresentar um caminho para que o ensino contemple a vertente humana de um modo verdadeiramente importante e que saiba diferenciar os valores com que se relaciona. Aqui encontramos a nossa segunda grande

motivação para procedermos a uma tentativa de alteração, mediante o trabalho pedagógico junto dos alunos.

Em terceiro lugar, surge-nos, em consequência de toda a investigação e todo o processo prático, outra questão relacionada com o ensino artístico, pois como defendido na parte teórica o mundo das artes e da experiência artística adquire um papel fundamental na formação individual do aluno, e como nos deparamos com uma desvalorização da importância do ensino artístico, esta resulta como uma consequência para todo o contexto anterior. Por isso, numa tentativa de mudança neste cenário referencia-se o seguinte, tendo por base a unidade curricular visada neste trabalho:

“Registrar texturas, cores, gestos, sons, formas, movimento, paisagens como elementos suscetíveis de serem percebidos, não é suficiente. É necessário que os alunos relacionem estas percepções, não como registos isolados, mas sim como acontecimentos que permitem o desenvolvimento da sensibilidade para o mundo simbólico.”¹

Deste modo, é necessário que as unidades curriculares artísticas, como é o caso de História da Cultura e das Artes, mostrem a relação dos elementos de estudo teórico com a sua aplicação prática pedagógica, inculcando um novo sentido na vida dos alunos, permitindo a obtenção de formação através do ensino artístico. Para isso é importante aplicar toda a metodologia estudada e desenvolvida neste trabalho ao serviço do ensino.

Pretendemos agora elaborar e explicitar de um modo estratégico todos os aspetos da aplicação pedagógica desenvolvida, demonstrando sua importância no cumprimento do nosso objetivo.

¹ “Registrar texturas, colores, gestos, sonidos, formas, movimiento, paisajes, como elementos susceptibles de ser percibidos no es suficiente. Es necesario que los alumnos relacionen estas percepciones no como registros aislados sino como acontecimientos que permiten el desarrollo de la sensibilidad ante el mundo simbólico.” (Obligado, 2008: 113)

Capítulo 6. Intervenção pedagógica e didática

A intervenção pedagógica desenvolveu-se ao longo do estágio composto por 12 tempos letivos de 90 minutos, integrado no nosso mestrado em ensino das artes visuais já referenciado.

Concretamente esta intervenção consistiu na aplicação do método de Alfonso López Quintás, tendo por base a já apresentada unidade curricular, na turma caracterizada.

Para que a intervenção fizesse sentido foi necessário desenvolver uma estratégia de intervenção, que nos permitisse obter informações credíveis quanto à necessidade e importância do método proposto por Alfonso López Quintás. Pensamos concretamente em conseguir responder a esta questão em cinco passos concretos.

O primeiro passo, consiste num passo de sensibilização e motivação para o método proposto. Com este passo, pretendemos demonstrar aos alunos que a arte e a experiência artística contêm elementos ocultos a um olhar distraído e que podem ser fundamentais para a sua formação. Neste sentido, propusemos aos alunos um exercício de observação e interpretação de obras de arte. Pois é através da observação da obra de arte que o método adquire todo o seu sentido e fecundidade.

O passo seguinte consiste na elaboração do diagnóstico. Pretendemos com este passo captar que tipo de conhecimento os alunos possuem relativamente às questões fundamentais da arte, tentando encontrar possíveis ligações com os principais conceitos referidos no pensamento de Quintás. Para isso pensamos elaborar um questionário, inquirindo os alunos sobre estes assuntos.

O terceiro passo, consiste em dar a conhecer a proposta do referido autor aos alunos. Neste sentido preparamos uma série de ferramentas didáticas com os conceitos mais importantes da proposta metodológica de Quintás. Com isto, pretendemos demonstrar aos alunos toda a importância desta metodologia para a sua formação.

O próximo passo, consiste na aplicação de novo diagnóstico, voltando novamente a questionar os alunos sobre os mesmos tópicos presentes no segundo passo. Pretendendo assim aferir dados comparativos entre o antes e o após conhecimento da metodologia de Quintás. Com estes dados seremos capazes de partir para último passo.

O último passo menciona uma vertente de análise e comentário dos dados aferidos nas duas fases do diagnóstico. Este passo permitir-nos-á retirar as devidas conclusões, quanto à

importância e necessidade desta aplicação metodológica ao serviço do ensino das artes visuais, (se destas) e ao serviço de uma formação mais completa aos alunos.

Deixamos agora o esquema sintetizado da intervenção pedagógica, partindo depois para a sua explicitação de modo mais completo.

Passo 1- Sensibilização (exercício de observação da obra de arte)

Passo 2- Diagnóstico 1 (questionário)

Passo 3- Contato com a proposta de Alfonso López Quintás

Passo 4- Diagnóstico 2 (questionário)

Passo 5- Análise e comentário dos resultados.

6.1. Passo 1. Sensibilização para o tema

Para nós, o ensino artístico não deve incidir apenas no conhecimento geral da obra de arte, mas sim contemplar o saber ver, ouvir, interpretar e contextualizar as obras de arte, pois só assim o aluno será capaz de se relacionar de um modo completo com a obra de arte.

Desta forma, para o aluno conseguir então relacionar-se com o mundo das artes e aprofundar a sua formação através do ensino artístico, terá em primeiro lugar de saber observar, saber ver e interpretar a obra de arte. Para isso, é de grande importância para a nossa intervenção desenvolver uma componente motivacional neste sentido, pois é através da observação da obra de arte, que o aluno tem a possibilidade de perceber, encontrar e se relacionar, possibilitando o contato dos alunos com os pressupostos da problemática aqui tratada.

Neste sentido impera assim a necessidade de criar uma ferramenta que tenha como propósito estimular e motivar o aluno para esta possibilidade. Para isso, pensamos em exercitar a observação e interpretação da obra de arte nos alunos, para que não mais escapem pormenores visuais e significações tão importantes para uma interpretação bem-sucedida da obra de arte.

6.1.1. Ver, analisar e compreender a obra de arte.

No seguimento da ideia anterior, propomos o exercício denominado por “Ver, analisar e compreender uma obra de arte” que tem como objetivo aferir quais as capacidades e tendências que os alunos detêm na observação de obras de arte, na sua análise e compreensão das mesmas. No nosso trabalho, observar e ver adquire uma importância extrema, e como tal exercícios desta índole são fundamentais para a elaboração da metodologia.

Com vista ao objetivo proposto, neste exercício, os alunos serão confrontados com determinadas obras de arte, presentes num determinado conteúdo programático já lecionado, neste caso situadas no Pós-modernismo. Assim, depois de as observarem os alunos terão de reconhecer no mínimo 3 características formais da obra de arte e portanto, consolidar o conteúdo dado, partindo em seguida para a descrição da obra de arte. Assim saberemos quais os aspetos que os alunos foram capazes de observar. De seguida, descreverão o sentimento que esta lhes proporciona, propondo-lhes ultrapassarem a mera observação exterior da obra de arte, de modo a aproximarem-se de uma relação de encontro.

Para o exercício fazer sentido assumirá as seguintes regras: primeiro, os alunos terão acesso à projeção da imagem no quadro durante 5 minutos. Segundo, passados os 5 minutos, a projeção terminará e terão 15 minutos para descrever as características, e por último o sentimento que esta lhes causa. Ao não terem acesso à imagem no decorrer do preenchimento das questões do exercício, terão de recorrer assim à sua memória, ou seja aos aspetos que reterão da observação da obra de arte.

Remetemos a planificação do exercício para o Anexo 1 e a sua composição para o Anexo 2.

O exercício demonstrou uma grande importância para a nossa intervenção pedagógica, pois de certo modo abriu-nos caminho na confirmação da pertinência da aplicação da metodologia proposta.

No decorrer do exercício retirámos quatro informações importantes. Em primeiro lugar, o efeito surpresa que os alunos demonstraram ao contatarem com o exercício. Os alunos disseram-nos que nunca tinham sido inquiridos sobre o sentimento que uma obra de arte lhes causa, nem com a sua descrição. Em segundo lugar, no decorrer do exercício, questionavam-se sobre que elementos deviam ter em conta na descrição pedida. É neste momento que a falta de um guia de interpretação da obra de arte se faz mostrar, e assim começamos a tentar chamar a atenção dos alunos para os elementos que compõem a obra, cor,

forma, figuras, acontecimentos, na busca de uma descrição pessoal da obra de arte. Em terceiro lugar, quando questionados face ao sentimento que a obra de arte lhes proporciona, estes se demonstraram demasiado centrados no que as figuras representavam e não a totalidade da obra. Aqui, tentamos chamar à atenção, para tentarem captar todos os elementos, todas as sensações que os elementos presentes na obra lhe causavam, não apenas em determinado pormenor ou figura presente na obra. Por último, e mais importante, foi o diálogo no final do exercício, pois sentiam-se desorientados, por nunca terem elaborado um exercício deste género, de descoberta da obra de arte e do sentimento que esta lhes poderá causar. Daí o repto para a necessidade de um método que lhes permitisse orientar a sua interpretação.

Este exercício teve efetivamente uma particular importância na demonstração da necessidade de criar um método de aproximação à obra de arte. Ficamos assim mais seguros da necessidade de trabalhar método adequado às carências dos alunos.

6.2. Passo 2. Diagnóstico 1 (Questionário)

No decorrer da nossa aplicação prática foi necessário desenvolver uma ferramenta de recolha de dados que nos permitisse, em primeiro lugar, avaliar o estado da turma relativamente ao conhecimento dos conceitos centrais deste projeto, nomeadamente os conceitos de, âmbito, criatividade e encontro. Pois são estes conceitos que permitem o aluno relacionar-se verdadeiramente com a obra de arte.

Para tal, desenvolvemos um questionário que tem como objetivo encontrar ligações entre os conceitos referidos anteriormente, e o pensamento dos alunos relativamente ao mundo da arte. Pensamos, em quatro questões essenciais:

1. O que entendes por arte?
2. Qual a importância da arte na tua vida?
3. O que consideras ser uma obra de arte?
4. O que é que a arte te dá a sentir?

Através da análise do conjunto de respostas obtidas, poderemos certamente aferir o grau de sensibilidade e maturidade dos alunos a tais questões. Estarão eles longe ou perto do

conjunto de percepções e de vivências que encontramos na obra de López Quintás? Sentirão eles a arte como algo de profundo ou superficial? Haverá algo nas suas respostas que os aproximem daqueles conceitos fundamentais: âmbito, jogo, encontro, profundidade...? Eis algumas questões que alimentam a nossa curiosidade de docente.

Quanto à natureza das perguntas:

A primeira questão tem como objetivo geral conhecer qual o conceito de arte que o aluno tem ou defende. Com esta questão conseguiremos entender, de modo geral quais as características da arte que os alunos conhecem.

A segunda questão orienta-se mais para o autoconhecimento, na tentativa de mensuração da importância e relevância que a arte poderá ter na sua vida. Deste modo podemos confirmar o grau de profundidade que a arte poderá assumir nas suas vidas e por conseguinte também na sua formação pessoal e ao nível dos valores.

A terceira questão, por seu turno, orienta-se para as particularidades presentes na arte, os elementos e características que lhes conferem o seu significado. Percebendo assim, se a obra de arte tem efetivamente algo de “especial”, fazendo dela algo que ultrapassa a sua mera condição de objeto.

Com a quarta e última questão consideramos importantíssimo conhecer o tipo de sentimento, ou estado de espírito, que a arte e a experiência artística lhes proporcionam. Esta é então uma questão fundamental tendo em vista o objetivo da nossa investigação, pois é através do sentimento, da passagem dos elementos exteriores, características captadas pelos seus sentidos, para o seu espaço íntimo que o aluno efetua a relação de encontro.

Ao conhecermos a posição do aluno perante estas questões poderemos, atribuir-lhe um nível, ou patamar correspondente a um certo grau de relacionamento com a arte. O questionário aqui referido encontra-se no Anexo 3.

Esta primeira fase de diagnóstico correspondente à primeira aplicação do questionário.

Em suma, pretende-se com esta primeira recolha de dados estabelecer o grau de profundidade que o aluno apresenta, relativamente a essas questões e que servirá de ponto de partida para a nossa intervenção, servindo de elemento de comparação aquando da segunda aplicação do mesmo questionário.

6.2.1. Critérios de análise do questionário de diagnóstico

A dificuldade e complexidade inerente à demonstração de uma resposta concreta perante o nosso objetivo proposto - aferir realmente se, se consegue melhorar a formação através do ensino artístico e se da mesma forma o aluno conseguirá alcançar os valores de modo a orientar a sua vida em torno deles - faz com que seja necessário pensar numa estratégia avaliativa capaz de demonstrar isso mesmo. Assim, tendo presentes os resultados dos dados recolhidos nas fases de diagnóstico, foi necessário elaborar critérios de avaliação, a fim de inferirmos resultados credíveis.

Se um dos objetivos principais deste trabalho é aferir se realmente houve evolução pessoal do aluno entre as diversas fases, ou seja, se houve alguma de alteração da maturidade e sensibilidade perante as questões colocadas, achamos por bem a cada resposta atribuir um valor significativo, um número que signifique de modo concreto um grau de maturidade e sensibilidade perante as questões. Neste caminho propomos a seguinte tabela avaliativa, da qual nos socorremos para efetuar a análise dos questionários no sentido de demonstrar a veracidade e pertinência da metodologia apresentada no decorrer de todo o trabalho.

A tabela proposta é a seguinte:

7 Níveis de profundidade	
Nível 7	+ Profundo
Nível 6	
Nível 5	
Nível 4	Transposição
Nível 3	- Profundo
Nível 2	
Nível 1	

Nesta tabela os graus de profundidade correspondem à estratificação da obra de arte em 7 planos já referenciada anteriormente. Esta correspondência resulta do facto de o aluno, ao percorrer estes 7 planos da obra de arte, tornar o seu conhecimento e vivência relativamente à obra de arte progressivamente mais profundos. Deste modo, quanto mais profundo se torna o seu conhecimento mais se aproxima do processo de êxtase, e dos valores positivos, ou seja, valores mais altos. Assim, ao estratificarmos também em 7 patamares de

resposta, relativamente ao grau de profundidade que o aluno apresenta, teremos um conhecimento próximo do grau que o aluno assume relativamente às questões essenciais da arte, permitindo-nos inferir até que ponto as mesmas questões poderão fazer sentido na sua formação, dependendo se existe evolução entre o antes e o depois do contato com a exposição pedagógica da matéria. Desta forma, pensamos que as respostas a estas questões nos poderão ajudar a avaliar a pertinência e possível repercussão deste trabalho.

Esclarecendo agora mais concretamente sobre o modo como associámos os 7 patamares da obra de arte aos 7 graus de resposta decidimos o seguinte: tendo presente a tabela, pensamos em agrupar alguns dos níveis. Pois efetivamente da apresentação teórica dos sete patamares da obra de arte ficamos com a ideia que os níveis três primeiros níveis, 1, 2 e 3 são níveis em que o aluno apresenta um conhecimento menos profundo da obra de arte. Esta convenção resulta, pois nestes primeiros níveis o aluno é confrontado com a presença de aspetos mais concretos na obra de arte, ou seja com o significado e valor plástico dos elementos que compõem a obra de arte. Estimulado pelos sentidos o aluno apenas conseguirá um conhecimento e experiência elementar da obra de arte.

Em seguida considerámos o nível 4 como o nível de transposição. É neste nível, segundo o pensamento de Quintás, que o aluno começa a relação de “encontro”, pois neste nível o aluno ultrapassa a barreira dos sentidos e mergulha de um modo mais profundo na obra, devido à presença do âmbito neste nível. É por isso que neste nível, afirma-se que o aluno começa a adquirir formação através do seu relacionamento com a obra de arte.

Por último, agrupamos os três últimos níveis, 5, 6 e 7, como os níveis de maior profundidade, pois efetivamente o aluno ao percorrer estes níveis necessita mergulhar de um modo profundo na obra de arte. Para tal, conhecer aspetos na obra que os sentidos não são capazes de reconhecer a uma primeira vista, é necessário que o aluno conheça aspetos que ultrapassam a mera representação da obra de arte. Encontrando-se verdadeiramente com a obra de arte, podemos associar esta relação ao processo de êxtase, à presença de valores mais altos.

Outra questão avaliativa prende-se com o número de questões presentes no questionário; seria necessário fazer corresponder um grau de profundidade a cada resposta. O que aqui propomos é uma avaliação conjunta das quatro questões. Ou seja, de um modo prático atribuiremos um grau de profundidade ao questionário na sua totalidade.

Vejamus em seguida, três exemplos “tipo” do método avaliativo aplicado. O primeiro exemplo diz respeito a um aluno que se enquadra nos níveis de menor profundidade, o

seguinte exemplo de um aluno situado no nível de transição e por fim um último exemplo de um aluno situado nos níveis de maior profundidade, seguindo-se de um pequeno comentário explicativo da opção tomada

6.2.2. Exemplo 1: Níveis inferiores de profundidade

1. O que entendes por arte? Achas que a arte tem regras? Justifique.

Resposta: Para mim a arte compreende-se entre o desenho, escultura e arquitetura. As regras são saber desenhar e fazer trabalhos manuais.

2. Qual a importância da arte na tua vida?

Resposta: A arte faz de nós pessoas mais cultas, com mais facilidade em se exprimir pessoalmente.

3. O que consideras ser uma obra de arte?

Resposta: Não existem características próprias para um objeto pertencer a este jogo.

4. O que é que a arte te dá a sentir?

Resposta: Este jogo faz com que me sinta eu mesmo.

Enquadramos este questionário nos níveis de inferiores de profundidade devido a diversos fatores. Em primeiro lugar o aluno apresenta a arte de um modo muito limitado, considerando apenas algumas vertentes da arte, faz com que dê demasiada importância ao domínio da técnica. Em segundo lugar, a arte para este aluno apenas demonstra importância para o seu lado cultural. Por último, não reconhece que existem características que efetivamente dão significado à arte.

O que faz com que consideremos este questionário como pouco profundo é esta tendência de tornar a arte um espaço concreto e delimitado, fechado para si próprio. Esta posição não se enquadra com o pensamento de Quintás para quem, a arte deve ser um mundo aberto, livre e assume uma importância fundamental no desenvolvimento humano, permitindo relações importantíssimas ao ser humano, quer por parte do observador da obra de arte quer por parte do autor da obra; traz a estes, sensações, emoções e sentimentos. O aluno neste questionário não é capaz ainda de perceber este sentido da arte. Ainda neste sentido, não conseguimos encontrar ligações muito concretas ao pensamento do autor. A única questão que nos sugere uma ligeira presença é na importância com que assume a arte, nomeadamente

na sua possibilidade de crescimento cultural. O que segundo o nosso pensamento não se adequa, pois defendemos que arte assume uma potencialidade formativa, um crescimento individual e espiritual, que o aluno desconhece.

6.2.3. Exemplo 2: Nível de transposição.

1. O que entendes por arte? Achas que a arte tem regras? Justifique.

Resposta: Este jogo para mim é uma forma de me expressar. A minha única regra consiste em comunicar com os outros.

2. Qual a importância da arte na tua vida?

Resposta: Este jogo tem um forte papel na minha evolução pessoal, intelectual e comunicativa.

3. O que consideras ser uma obra de arte?

Resposta: Quando realizamos uma obra de arte, transmitimos para ela aquilo que somos.

4. O que é que a arte te dá a sentir?

Resposta: Tudo que faço, faço com arte e em tudo que vejo, vejo arte.

Enquadramos este questionário no nível de transposição, pois encontramos nas respostas do aluno uma visão da arte já bastante mais alargada e livre, embora ainda necessite refletir melhor sobre algumas questões encontram-se já algumas ligações ao propósito que defendemos neste trabalho.

Relativamente à primeira questão, o aluno demonstra a existência de uma capacidade expressiva e comunicativa na arte, para com os outros, não apenas para si. Isto aproxima esta resposta daquilo que pensamos ser arte.

Na segunda questão, em comparação com o questionário anterior, esta abre caminho para a sua evolução pessoal e intelectual, ou seja, assume que arte pode efetivamente demonstrar importância no seu desenvolvimento.

Quanto à terceira e quarta questão ficamos com algumas dúvidas. Perante a terceira questões duvidámos, se o aluno consegue neste momento perceber se existe alguma característica evidente presente na obra de arte, que lhe dê valor de arte. Embora não identifique claramente a presença do âmbito na arte, apresenta uma ligação muito próxima ao

que se defende ser o âmbito, pois na sua resposta afirma que o autor da obra de arte traz para a obra algo de seu, algo que lhe é interior.

Contudo, perante a resposta à quarta questão ficamos com a sensação que ainda necessita de algum trabalho, mas que demonstra já alguma maturidade.

6.2.4. Exemplo 3: Níveis de maior profundidade.

1. O que entendes por arte? Achas que a arte tem regras? Justifique.

Resposta: É preciso ter habilidade para jogar este “jogo”. Para mim neste “jogo” não existe regras, a arte é livre. A arte é transmitir tudo o que sentimos e o espetador entender aquilo que expressamos.

2. Qual a importância da arte na tua vida?

Resposta: Este “jogo” conta para a minha evolução pessoal e intelectual.

3. O que consideras ser uma obra de arte?

Resposta: Esses objetos têm de nos transmitir emoções e sentimentos. Devem ter características que não sejam banais para nós.

4. O que é que a arte te dá a sentir?

Resposta: É um “jogo” perigoso e complexo, um dia adoramos outro dia detestámos.

Consideramos de um modo geral que estas respostas atingem níveis de maior profundidade e que nelas surgem ligações muito mais direccionadas com o que defendemos e por isso o enquadramos nestes níveis.

Na primeira resposta, pode-se encontrar já um conceito de arte muito mais elaborado, por referir um certo esforço presente na arte, pelo seu aspeto livre e acima de tudo, pela transmissão de sentimentos ao observador. Este elemento transmissor de sentimento que o aluno afirma ter a arte é fundamental para nós, pois é através desta capacidade de transmissão que a arte adquire toda a sua importância.

Na segunda questão, a referência à evolução pessoal e intelectual demonstra uma ligação muito concreta ao aspeto formativo que a arte assume, ao que defendemos neste trabalho.

Quanto à terceira questão, surge já uma característica, na qual não a define concretamente, mas ao apelar à transmissão de sentimentos e sensação entendemos que essa característica se adequa com ao âmbito, algo que capta a atenção do observador.

Por último, por referir que a arte pode assumir uma grande complexidade e por demonstrar que arte pode causar diversos tipos de sentimentos ao ser humano. Por estas aproximações com o nosso pensamento enquadrámos este questionário nos níveis de maior profundidade.

6.3. Passo 3. Aplicação do método de Alfonso López Quintás

Neste passo pretendemos familiarizar os alunos com as propostas metodológicas desenvolvidas ao longo da parte teórica, tendo como principal inspiração a obra de Alfonso López Quintás.

Este passo consiste então na aplicação do método formativo ao ensino das artes visuais, na qual desenvolvemos e aplicamos a nossa proposta metodológica. Nesta linha desenvolvemos duas aulas de 90 minutos, com o objetivo de dar a conhecer aos alunos o autor o seu pensamento e a sua metodologia.

A primeira aula integrou três objetivos principais. Em primeiro lugar na apresentação da vida e obra de Alfonso López Quintás. Em seguida, a apresentação do seu pensamento relativamente à formação humana. Demos a conhecer aos alunos a relação do ser humano com a relação de “encontro”, a existência dos âmbitos de realidade e os dois tipos de relação que o ser humano pode adotar consoante as realidades (relações superficiais e íntimas ou ambituais). Pretendemos assim demonstrar aos alunos como se formam e como se devem relacionar com as realidades que os circundam. Em terceiro lugar, demonstrámos aos alunos que a arte pode assumir um papel importante na sua formação enquanto seres humanos. Aqui demos a conhecer aos alunos a potencialidade que a criatividade pode assumir neste sentido, definindo arte, obra de arte e a sua complexidade. Remetemos a planificação da aula para o Anexo 4.

A segunda aula, consistiu na apresentação da metodologia dos 7 planos da obra de arte de Alfonso López Quintás, a qual denominamos de guia de interpretação da obra de arte. Com esta metodologia pretendemos demonstrar aos alunos um guia de interpretação da obra de arte, onde o aluno é convidado a percorrer 7 níveis da obra de arte. Onde em cada nível o

aluno é convidado a debruçar sua atenção sobre determinados aspetos da obra de arte, tendo como objetivo final interpretar devidamente a obra de arte, ou seja, chegar ao patamar do sentimento que esta lhe sugere. Assim, pensamos conseguir demonstrar à turma o importante contributo que a arte tem na sua formação enquanto seres humanos. Em concreto, a possibilidade da formação do ser humano através de uma experiência artística bem articulada e promotora de valores mais altos. Remetemos para o Anexo 5 a planificação da aula.

Relativamente aos materiais didáticos, desenvolvemos dois elementos complementares, o primeiro diz respeito à elaboração de uma apresentação PowerPoint, dividido em duas partes. A parte 1, tendo como referência os elementos apresentados na aula 1 e a parte 2, com os elementos da aula 2, presente no Anexo 6. Em conjunto com a apresentação desenvolvemos também uma ficha de apoio para o aluno. Esta ficha de apoio consiste numa síntese dos elementos a reter sobre o autor, seu pensamento e sua metodologia. Com esta ficha o aluno será capaz de acompanhar melhor todos os conceitos referidos e ainda ficar com esses elementos para eventuais estudos posteriores. Encontra-se no Anexo 7.

No decorrer destas duas aulas surgiram algumas questões e alguns comentários por parte dos alunos que nos surpreenderam. Uma das questões que nos chamou à atenção teve a ver com o conceito da formação humana, nomeadamente o homem como ser de “encontro”. Referindo o aluno que existem objetos que efetivamente nos marcam. Desta forma esse objeto é visto como um âmbito de realidade pois possibilitou-lhe a relação de encontro. É através deste tipo de relacionamento com as realidades, que pretendemos que os alunos vejam as obras de arte.

Uma outra questão que nos foi colocada foi sobre o da criatividade. Ou seja, perceberem que ao utilizarem a criatividade, estão a desenvolver uma relação de proximidade e de conhecimento profundo da realidade (objetos), transformando-os numa nova realidade, uma realidade ambital, permitindo-lhes uma relação de elevada importância para a sua formação.

Ainda uma outra questão nos chamou atenção, relativamente à metodologia dos 7 planos da obra de arte. Pois de um modo geral, os alunos sentiram que este método faz sentido para a sua formação e assume a necessidade de ser aplicada logo no início do seu percurso escolar artístico.

Estas foram algumas das questões mais importantes surgidas no decorrer da intervenção pedagógica. Ainda neste sentido, foi extremamente importante receber um feedback positivo por parte dos alunos, relativamente à nossa intervenção.

6.4. Passo 4. Segunda aplicação do questionário

Trata-se de um segundo momento de recolha de dados. Esta nova recolha tem como objetivo principal a obtenção de novos dados após o conhecimento das matérias expostas. Para que esta recolha nos possa fornecer dados comparáveis com os da primeira aplicação voltámos a pedir aos alunos que respondessem ao questionário proposto no Anexo 3.

Neste momento, será expectável obter respostas diferentes das do primeiro momento, alegadamente mais consistentes e profundas.

6.5. Passo 5. Análise e comentário dos resultados obtidos

Nesta fase procederemos à comparação dos dados obtidos, de forma a retirar as conclusões, de modo a que estas fiquem demonstradas e fundamentadas. Este capítulo tem como objetivo mostrar de um modo analítico os resultados obtidos nas diversas fases da intervenção pedagógica, servindo a mesma análise para percebermos em que ou quais aspetos se efetivou alguma alteração de opinião e de maturidade dos alunos.

Neste sentido foi necessário elaborar um esquema de análise que nos permitisse aferir se existiu uma alteração do número de alunos nos mais diversos patamares entre as duas fases de diagnóstico. Delineamos estudar os resultados obtidos segundo 5 patamares distintos:

1. Panorama geral;
2. Panorama relativo aos níveis de menor profundidade;
3. Panorama relativo ao nível de transposição;
4. Panorama relativo aos níveis superiores;
5. Síntese avaliativa.

6.5.1. Panorama geral

Chegamos então à apresentação do esquema de análise. O panorama geral dos resultados obtidos após as duas aplicações do questionário é o seguinte:

Fase 1 (nº de alunos)	7 Níveis de profundidade		Fase 2 (nº de alunos)
2	Nível 7	+ Profundo	5
	Nível 6		
	Nível 5		
8	Nível 4	Transposição	13
22	Nível 3	- Profundo	14
	Nível 2		
	Nível 1		
32	Total de alunos		32

Os resultados dão-nos os seguintes indicadores: na 1ª fase de diagnóstico, na qual os alunos não tiveram nenhum contato com a metodologia desenvolvida, a distribuição dos alunos encontra-se por grande maioria nos três primeiros níveis, ou seja, nos níveis de menor grau de profundidade, e à medida que os níveis aumentam de profundidade o número de alunos fica cada vez mais reduzido. Já na segunda fase, verifica-se uma distribuição mais homogênea dos alunos, havendo um ligeiro aumento nos níveis de maior profundidade.

No nível de transposição o aumento foi significativamente maior. Portanto, podemos inferir que ao verificar-se que existe uma maior distribuição dos alunos por todos os níveis na 2ª fase de diagnóstico, a metodologia desenvolvida neste trabalho deu efetivamente origem a algumas mudanças ao nível da opinião dos alunos, que certamente traduz maior maturidade e sensibilidade relativamente à relação com a obra de arte.

Desta forma se pode comprovar que o pensamento de Alfonso López Quintás, estudado ao longo deste projeto e dado a conhecer aos alunos, pôde de facto mudar o modo como os alunos se relacionam com o mundo da arte e a sua experiência, abrindo assim caminho para a aplicação deste método ao serviço do ensino das artes visuais.

6.5.2. Panorama relativo aos níveis de menor profundidade

Quanto aos resultados obtidos nos três primeiros níveis, nos quais o aluno demonstra um conhecimento centrado nos sentidos, podemos perceber que após a aplicação do método os alunos revelam um crescimento a nível pessoal relativamente à arte e à experiência artística. Observemos então a tabela:

Fase 1 (nº de alunos)	7 Níveis de profundidade		Fase 2 (nº de alunos)
2	Nível 7	+ Profundo	5
	Nível 6		
	Nível 5		
8	Nível 4	Transposição	13
22	Nível 3	- Profundo	14
	Nível 2		
	Nível 1		
32	Total de alunos		32

Por aqui, verificamos que após a aplicação metodológica houve um decréscimo de 6 alunos presentes nestes níveis, o que vem demonstrar que os alunos começam a encarar a arte e a experiência artística com um olhar mais atento e com mais significado, o que nos leva a crer que a aplicação do guia de interpretação da obra de arte faz sentido na formação do aluno, pois estimula uma observação mais completa da obra de arte.

Por outro lado, nesta fase de análise ainda não se consegue perceber se o aluno efetivamente consegue atingir a formação máxima através do ensino artístico, pois para esse efeito ele terá de estabelecer a relação de «encontro» com a obra de arte, o que não se revela nestes níveis, pois estes três primeiros níveis assumem a sua importância meramente nos aspetos físicos presentes nas obras de arte e que os alunos captam apenas pelos seus sentidos. Por isso, ao vermos que o número de alunos presente nestes níveis diminuiu constatamos que um maior número de alunos começa a ultrapassar a barreira dos sentidos na perceção artística.

6.5.3. Panorama relativo ao nível de transposição

Este conjunto de dados é fundamental pois é efetivamente neste nível que se ultrapassa a barreira dos sentidos e se começa a caminhar em direção ao mundo dos sentimentos, por isso o consideramos como nível de transposição. Vejamos então os resultados obtidos:

Fase 1 (nº de alunos)	7 Níveis de profundidade		Fase 2 (nº de alunos)
2	Nível 7	+ Profundo	5
	Nível 6		
	Nível 5		
8	Nível 4	Transposição	13
22	Nível 3	- Profundo	14
	Nível 2		
	Nível 1		
32	Total de alunos		32

Neste segmento verifica-se um significativo aumento após a aplicação metodológica, resultando num aumento de 5 alunos no nível de transposição. Este ganho de 5 alunos significa que conseguimos captar a atenção de mais alunos para a questão do “âmbito” na arte. É pois neste nível que a complexidade dos aspetos a ter em conta na obra de arte aumenta.

Portanto, é devido a esta passagem que se afirma que o nível de realidade conhecida começa a adquirir uma profundidade capaz de permitir ao aluno um acréscimo de formação, de maturidade, sensibilidade e capacidade para interpretar a obra de arte.

Verificamos então que os alunos, após o contato com a metodologia aplicada, mais facilmente conseguem estabelecer a relação de «encontro», o que torna esta aplicação fundamental e importante para a formação pessoal e individual do aluno, devendo por isso mesmo ser parte integrante do ensino artístico.

6.5.4. Panorama relativo aos níveis superiores

A análise dos níveis superiores é também fundamental para a compreensão de todo o trabalho pois é nestes patamares que efetivamente o aluno se depara com sentimentos aos quais poderão ser associados certos tipos de valores espirituais, mas antes vejamos a seguinte tabela:

Fase 1 (nº de alunos)	7 Níveis de profundidade		Fase 2 (nº de alunos)
2	Nível 7	+ Profundo	5
	Nível 6		
	Nível 5		
8	Nível 4	Transposição	13
22	Nível 3	- Profundo	14
	Nível 2		
	Nível 1		
32	Total de alunos		32

Verifica-se nestes patamares que após a intervenção metodológica a evolução não foi assim tão significativa, contudo, existe uma diferença de 3 alunos, o que demonstra que o método facilita e possibilita a captação dos sentimentos profundos presentes na obra de arte.

É nestes três últimos níveis que a complexidade da relação entre a obra de arte e o aluno adquire maior importância, pois estamos perante a atividade afetiva e espiritual que a obra de arte proporciona ao aluno. Sentimentos, que se relacionam com os valores, ou seja, sentimentos positivos estão associados a valores positivos e sentimentos negativos a valores negativos.

Contudo, a questão que aqui se coloca prende-se com o alcance com que o aluno é agora capaz de perceber esses sentimentos e por consequência os valores. Sabemos que cada aluno pode estabelecer a sua interpretação da obra de arte, contudo a obra de arte tem características bem delimitadas e por isso os valores que representa também estarão delimitados consoante a obra de arte em questão.

O nosso objetivo é permitir que o aluno consiga efetivamente atingir o verdadeiro propósito da obra de arte, o verdadeiro valor representado na obra de arte, pois, à semelhança

do processo de êxtase, uma interpretação correta da obra de arte permite um contato fiel com a obra de arte e por associação a presença de valores de maior importância e profundidade.

6.5.5. Síntese avaliativa

Tenhamos em atenção a totalidade dos dados recolhidos:

Fase 1 (nº de alunos)	7 Níveis de profundidade		Fase 2 (nº de alunos)
2	Nível 7	+ Profundo	5
	Nível 6		
	Nível 5		
8	Nível 4	Transposição	13
22	Nível 3	- Profundo	14
	Nível 2		
	Nível 1		
32	Total de alunos		32

Em síntese, podemos imediatamente constatar que a aplicação pedagógica teve realmente impacto sobre os alunos e sobre a sua forma de ver a arte, uma vez que os resultados da segunda fase se encontram mais homoganeamente distribuídos entre todos os níveis, ao contrário do que acontecia com os resultados do questionário da primeira fase, em que havia uma grande concentração nos três primeiros níveis.

Observamos também que em todos os níveis se verificou uma evolução positiva entre a primeira e segunda fase de diagnóstico, com especial atenção para os níveis de transposição onde o aluno necessita de ver a obra de arte como um âmbito, permitindo assim a relação de «encontro», o que implica ultrapassar o campo dos sentidos na procura de uma interpretação fidedigna da obra de arte. Esta observação é importantíssima para o apuramento da importância de todo o trabalho.

Uma terceira observação menos significativa, é certo, mas não menos positiva é relativa à presença de alunos nos níveis superiores. São níveis onde o aluno realmente é colocado perante o mundo dos sentimentos que a obra de arte lhe proporciona e que lhes

abrem a porta para o mundo dos valores, para vivências de um grande nível de profundidade pessoal.

Conclusão

Retomando o nosso pensamento inicial, reiteramos que a desvalorização da vertente humana no ensino que atualmente se pratica resulta da sobrevalorização da carga letiva das matérias científicas, em detrimento do crescimento humano e pessoal do aluno, o que na prática verifica-se num certo descrédito do ensino artístico perante outras áreas.

Pretendemos com este trabalho dar um contributo para alterar esta situação, focalizando o ensino na vertente humana e da formação individual por meio do ensino da arte, como caminho orientador para toda uma mudança que se deseja fervorosamente.

O mundo da arte pode fornecer ao homem experiências riquíssimas para a sua formação, contudo é necessário que o aluno consiga perceber a arte em toda a sua essência e valor. Este é um dos nossos desafios, conseguir levar os alunos a entender verdadeiramente o que é a arte e o que podem retirar da sua experiência em benefício da sua formação.

Procurando responder a este desafio, propusemos o estudo do autor Alfonso López Quintás, cujo pensamento e metodologia desenvolvida foram determinantes para aqui chegarmos. Desde a sua conceção do ser humano e desenvolvimento humano, passando pela experiência que o homem retira do contato com o mundo à sua volta, por meio do estabelecimento de relações de «encontro» e do processo de êxtase como ideal de vida profundo e em perfeita união com valores de grande importância, à constante presença do âmbito, como elemento que possibilita essas relações, estas ligações presentes no pensamento de L. Quintás permitiram-nos refletir sobre a possibilidade de o aluno crescer na sua formação integral através do ensino artístico. Para isso foi necessário desenvolver um método formativo em que tivemos em conta a sua metodologia referente à estratificação da obra de arte em 7 níveis ou patamares, para orientar a percepção do aluno perante a obra de arte tendo como objetivo final a verdadeira assimilação da mesma. Através desta metodologia pudemos perceber concretamente que tipo de relação o ser humano adquire à medida que sobe de nível de interpretação.

Com o intento de procurarmos demonstrar a importância e pertinência deste estudo, fomos colocando questões que achamos importante ver respondidas. Em primeiro lugar quisemos perceber onde se insere a componente de desenvolvimento pessoal e humano do ensino. Em segundo lugar procurámos entender o contributo possível da conceção teórica de Alfonso López Quintás na procura de uma educação centrada no ser humano. Em terceiro

lugar pretendemos mostrar a mais-valia que o ensino das artes visuais poderá constituir neste processo.

Concluimos, em primeiro lugar, relativamente à presença da componente da formação pessoal e individual do aluno, que o ensino atual não a contempla do modo como deveria, encontrando-se centrado no aspeto científico, em detrimento do crescimento individual e pessoal do aluno. Concluimos também que o ser humano se forma através da relação de «encontro», através do contato com as realidades que envolvem o homem, ou seja, o aluno enquanto ser humano também partilha desta mesma definição de formação e por isso é necessário que seja estimulado para a relação de «encontro». O que surge no pensamento de Quintás, é que a arte e a experiência artística estimulam e permitem a relação de «encontro», na qual a criatividade assume um papel fundamental. Perante a arte, o indivíduo contactará com realidades valiosas para a sua formação enquanto pessoa. Portanto, pelo facto de o ensino estar proximamente orientado para o conhecimento científico, poder-se-á estar a perder a possibilidade de contato com este tipo de realidades valiosas. Por isso, defendemos a arte como fulcral na procura de formação integral para os alunos.

Em segundo lugar, perante esta situação, procurámos testar a importância da conceção metodológica proposta por Quintás. Munidos dos resultados obtidos na análise elaborada, acreditamos estar em condições de responder positivamente à veracidade e importância deste pensamento, pois efetivamente comprovou-se que, após a aplicação metodológica, os alunos demonstraram um conhecimento e uma relação mais profundas e uma maior maturidade, existindo realmente uma alteração de opinião e de postura pelo que entendemos que se pode afirmar que faz sentido esta aplicação. Para essa demonstração contribuiu enormemente o nível de transposição, no qual o aluno ultrapassou a barreira dos sentidos, das características físicas e extrínsecas do objeto, tendo conseguido olhar para o mesmo como âmbito de realidade, e tendo por isso encetado a relação de «encontro» conducente à sua formação.

Em terceiro lugar, defendemos que efetivamente uma perceção profunda da realidade resultante do processo de êxtase pode orientar o ser humano para valores maiores ou mais profundos. Temos consciência – e a tabela assim o revela – de que as respostas obtidas neste patamar, não foram tão significativas como desejaríamos, dado que só obtivemos o ganho de 3 alunos nos níveis de maior profundidade. Por outro lado, o facto de este resultado ser mais humilde, não invalida todo o processo, mas fornece-lhe um sentido de complexidade importante. Ainda que no decorrer de todo o processo a vertente dos valores não tivesse sido trabalhada na sua totalidade, considerarmos esta evolução bastante positiva, pois indicam uma

interiorização do sentimento que a obra de arte poderá despertar, proporcionando a vivência de um valor superior. Concluindo, o ensino das artes visuais é determinante na formação integral do aluno, contudo é necessário adotar-se uma atitude metodológica específica. A atitude proposta por nós revelou-se eficaz.

Por outro lado, durante toda a aplicação pedagógica surgiram algumas dificuldades importantes, que há que referir. A primeira dificuldade encontrada consistiu no próprio perfil da turma onde se aplicou esta intervenção, perfil revelador de dificuldades de aprendizagem e constante desinteresse pela unidade curricular, o que fez com que tivéssemos de empreender um esforço maior na apresentação da proposta metodológica. Os conceitos envolvidos também não eram simples e o seu nível de complexidade exigia uma certa maturidade não presente na amostra de alunos com a qual trabalhámos. Porém, a maior dificuldade inerente a todo processo, pareceu-nos estar relacionada com a necessidade de cumprir o programa letivo da unidade curricular, o que fez com que a intervenção metodológica se resumisse a um tempo muito concreto, bastante curto, perante a complexidade das questões envolvidas neste trabalho.

Sublinhámos, também, que a investigação revela algumas reticências no âmbito da sua aplicação, pois apesar de confirmar a importância e veracidade deste método, a sua natureza implica uma grande adesão, vontade e trabalho por parte do aluno. O que, nesta turma em concreto, com características motivacionais pouco positivas, pode efetivamente ter tido consequências nos resultados obtidos. Contudo, julgamos ter deixado, um espaço aberto, no sentido da aplicação pedagógica poder adquirir novos significados, em novas e possíveis aplicações em grupos mais abrangentes e com outras características.

Não obstante o atrás descrito, do ponto de vista pessoal, este trabalho permitiu-nos uma experiência riquíssima a todos os níveis. Para além de ter representado a primeira experiência como docente, revestiu-se ainda de um especial interesse pelo contato com o pensamento de Alfonso López Quintás, sem dúvida um filósofo e pedagogo de referência, com um contributo muito marcante para a atribuição de novos sentidos para a missão educativa.

Em suma, fica aqui confirmada a necessidade de um novo método formativo, onde a formação humana seja considerada como o elemento fundamental e no qual o ensino artístico assuma um papel determinante na busca de uma formação integral para os alunos. Quanto à sua aplicabilidade, este método apresenta-se nesta investigação como um caminho a

continuar, pois seria interessante conhecer novas aplicações em maior escala, percebendo melhor as e suas vantagens. Fica aqui a sugestão.

Bibliografía

- Obligado, V. A. (2008). Dimensión perceptiva del arte. La teoría de López Quintás en los presupuestos curriculares de la reforma educativa argentina en Córdoba. [Electronic version]. *Estudios sobre Educación*, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 105-127.
- Pimentel, A. F. (Coord.). Gouveia, A. G., Elvira M. S., Machado, J. N., Henrique, R. P., Monteiro, R. S. R. (2004). *Programa de História da Cultura e das Artes*. Retrieved from Ministério da Educação.
- Quintás, A. L. (1991). La experiencia estética y la formación integral del hombre. Retrieved from Alvira D. R., *El hombre: immanencia y trascendencia*. Actas de las XXV Reuniones Filosóficas de la Universidad de Navarra, Servicio de Publicaciones de Univ. de Navarra, 1302-212.
- Quintás, A. L. (1993). *La formación por el arte y la literatura*. Madrid: Edições Rialp.
- Quintás, A. L. (1995). La formación por el arte. *Revista Veritas*. Porto Alegre, 193-212.
- Quintás, A. L. (1998). *Estética de la creatividad*. Madrid: Edições Rialp.
- Quintás, A. L. (1999). *Inteligencia creativa*. 4ª.ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Quintás, A. L. (2006). *Enseñanza escolar y formación humana*. Puerto de Palos: Biblioteca del Educador.
- Quintás, A. L. (2010). *La experiência estética y su poder formativo*. 2ª. ed. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Quintás, A. L. (2011). *Descubrir la grandeza de la vida*. 2ª.ed. Bilbao: Desclée de Brouwer.

Anexo 1. Planificação do exercício (compreensão da obra de arte)

Universidade Católica Portuguesa | Faculdade de Filosofia de Braga
Mestrado em ensino das Artes Visuais no 3º ciclo e ensino Secundário

Escola Secundária Camilo Castelo Branco

PLANIFICAÇÃO DA AULA

Unidade didática: Ver, analisar e compreender a obra de arte

turma H 11º ano

Finalidades	Objetivos	Contéudos	Atividades	Duração	Estratégias	Materiais	Articulação	Avaliação
<p>- Desenvolver consciência histórica e cultural.</p> <p>-Estimular a compreensão artística.</p> <p>-Estimular o espírito crítico e analítico face a uma obra de arte.</p> <p>-Saber contextualizar uma obra de arte segundo as suas características.</p> <p>- Promover a interpretação pessoal e fundamentada de uma obra de arte.</p>	-Conjunto de regras a estabelecer com a turma		. Entrada na sala de aula. . Verificação de presenças.	5 minutos		-Registo electrónico.		Interesse e atenção ao tema proposto;
	Apresentação do objetivo do exercício. - Clarificar o papel da obra de arte na vida artística.	-A obra de arte; -Saber ver, analisar e compreender uma obra de arte; -O indivíduo e a obra de arte.	Apresentação de conteúdos: Apresentação do exercício; - O objetivo do exercício. -Regras do exercício.	20 minutos	-Formulação de questões associadas aos conhecimentos prévios na tentativa de recapitular o conteúdo anterior e inserir o novo. -Apresentação oral dos conteúdos. - Preenchimento da ficha de apoio. -Intervenção direcionada.	-Quadro; -Projektor de vídeo; - Material de apontamentos.	-Alfonso lopez.	Pertinência das intervenções feitas durante o debate; Capacidade de expressão oral e argumentativa;
	- Exercício.	-Exercício:	-Resolução do exercício:	60 minutos	-Exposição das obras a analisar. - Preenchimento do exercício -Intervenção direcionada	-Quadro; -Projectos de vídeo; - Material de apontamentos	-Alfonso lopez.	Demonstração de sentido crítico e de observação.
	- Exercer o cumprimento de regras.	-Importância da percepção artística	-A importância da observação artística	5 minutos		-Registo electrónico		

Anexo 2. Exercício

FACULDADE DE FILOSOFIA

ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO



Exercício: Ver, analisar e compreender uma obra de arte

Objetivo:

-Vê, analisa e compreende uma obra de arte.

Questões a responder:

-Apresenta no mínimo 3 características formais

-Descreve a obra de arte

-Que sentimento te proporciona a obra de arte

Regras do exercício:

-Tens 5 minutos para observar a obra de arte.

-Em seguida 15 minutos para o preenchimento das questões.

Obras:

-Van Gogh Comedores de Batata



-Van Gogh Noite estrelada



-Paul Gauguin O que somos? De onde vimos? Para onde vamos?



Anexo3. Questionário de diagnóstico

FACULDADE DE FILOSOFIA

ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO



Inquérito/Diagnóstico

Nome: _____

Nº: _____ Turma: _____

A arte, em sentido lato pode ser considerada como um “jogo” onde o individuo se relaciona com a obra de arte, cara a cara, como se de um dilema se tratasse. Onde é necessário percorrer uma série de níveis para a entender de verdade.

Todo o individuo é um potencial “jogador”, o individuo percebe, interpreta e sente, logo reúne todas as condições para entrar neste jogo.

1. O que entendes por arte? Achas que a arte tem regras? Justifique.

2. Qual a importância da arte na tua vida?

3. O que consideras ser uma obra de arte?

4. O que é que a arte te dá a sentir?

Anexo 4. Planificação da primeira parte da aula sobre a metodologia de Quintás

Universidade Católica Portuguesa | Faculdade de Filosofia de Braga
Mestrado em ensino das Artes Visuais no 3º ciclo e ensino Secundário

Escola Secundária Camilo Castelo Branco

PLANIFICAÇÃO DA AULA

Unidade didática: Metodologia de Alfonso López Quintás: A arte como caminho para a formação integral

turma H11º ano

Finalidades	Objetivos	Contéudos	Atividades	Duração	Estratégias	Materiais	Articulação	Avaliação
Desenvolver consciência histórica e cultural. Estimular a compreensão artística. Estimular o espírito crítico e analítico face ao homem e a sua formação. Estimular o espírito crítico face à arte na formação humana. Apresentação do pensamento do filósofo e pedagogo Alfonso López Quintás, presente no relatório a elaborar	-Conjunto de regaras a estabelecer com a turma		- Entrada na sala de aula. -Verificação de presenças.	5 minutos		-Registo electrónico.		<p>Interesse e atenção ao tema proposto;</p> <p>Pertinência das intervenções feitas durante o debate;</p> <p>Capacidade de expressão oral e argumentativa;</p> <p>Demonstração de sentido crítico e de observação.</p>
	-Apresentação do autor. - Clarificar a presença do autor no meu relatório de estágio.	-A vida e obra de Alfonso López Quintás. -A importância do autor para o desenvolvimento do meu relatório de estágio.	Apresentação de conteúdos. -O objetivo do pensamento do autor.	20 minutos	Formulação de questões associadas aos conhecimentos relativos a estas questões. Apresentação oral dos conteúdos. Preenchimento da ficha de apoio. Intervenção direccionada. Exposição de power point.	-Quadro; -Projeto de vídeo; - Material de apontamentos	-Vida e obra de Alfonso López Quintás. -Relatório de estágio.	
	-Apresentar o conceito de formação humana.	-A formação humana: -O homem como ser de encontro. -Âmbito	Apresentação de conteúdos.	20 minutos	-Exposição de power point e apresentação oral dos conteúdos. Preenchimento do exercício -Intervenção direccionada.	-Quadro; -Projeto de vídeo; - Material de apontamentos	-Alfonso López Quintás. -Formação humana. -Relatório de estágio.	
	-Apresentar o conceito de criatividade e sua potencialidades.	Potencialidade da criatividade.	Apresentação de conteúdos.	20 minutos	-Exposição de power point e apresentação oral dos conteúdos. Preenchimento do exercício -Intervenção direccionada.	-Quadro; -Projeto de vídeo; - Material de apontamentos	-Alfonso López Quintás. - Criatividade. -Relatório de estágio.	
	-Clarificar entre a arte e formação humana.	-A arte e formação humana: -A presença do âmbito no mundo da arte	Apresentação de conteúdos.	15 minutos	-Exposição de power point e apresentação oral dos conteúdos. Preenchimento do exercício -Intervenção direccionada.	-Quadro; -Projeto de vídeo; - Material de apontamentos	-Alfonso López Quintás. -Arte e formação humana. -Relatório de estágio.	
	- Exercer o cumprimento de regras.	-Importância da arte na formação humana	Importância da arte na formação humana.	10 minutos	- Diálogo com os alunos	-Registo electrónico		

Anexo 5. Planificação da segunda parte da aula sobre a metodologia de Quintás

Universidade Católica Portuguesa | Faculdade de Filosofia de Braga
Mestrado em ensino das Artes Visuais no 3º ciclo e ensino Secundário

Escola Secundária Camilo Castelo Branco

PLANIFICAÇÃO DA AULA

Unidade didática: Metodologia de Alfonso López Quintás: a interpretação da obra de arte

turmaH 11º ano

Finalidades	Objetivos	Contéudos	Atividades	Duração	Estratégias	Materiais	Articulação	Avaliação
- Desenvolver consciência histórica e cultural. -Estimular a compreensão artística. -Estimular o espírito crítico face à arte na formação humana. -Promover a interpretação pessoal e fundamentada da obra de arte. -Apresentação da metodologia proposta pelo autor. -Apresentação da metodologia proposta pelo Autor, Alfonso López Quintás, presente no relatório a elaborar.	-Conjunto de regaras a estabelecer com a turma		- Entrada na sala de aula. - Verificação de presenças.	5 minutos		-Registo electrónico.		<p>Interesse e atenção ao tema proposto;</p> <p>Pertinência das intervenções feitas durante o debate;</p> <p>Capacidade de expressão oral e argumentativa;</p> <p>Demonstração de sentido crítico e de observação.</p>
	-Sintetizar os concetos apresentados na aula anterior.	-A arte e formação humana.	- Diálogo com os alunos:	20 minutos	-Formulação de questões associadas aos conhecimentos relativos às questões apresentadas na aula anterior. -Apresentação oral dos conteúdos. Preenchimento da ficha de apoio. -Intervenção direccionada	-Quadro; -Projeto de video; - Material de apontamentos	-Alfonso López Quintás. -A arte e a formação humana. -Relatório de estágio.	
	Apresentação da metodologia proposta pelo autor.	Metodologia: 7 planos da obra de arte.	Apresentação de conteúdos: -7 planos da obra de arte	40 minutos	-Exposição de power point e exposição oral dos conteúdos. Preenchimento do exercício -Intervenção direccionada.	-Quadro; -Projeto de video; - Material de apontamentos	-Alfonso López Quintás. -7 planos da obra de arte. -Relatório de estágio.	
	-Sintetizar os aspetos a reter desta metodologia.	-Sintetizar os aspetos importantes da metodologia proposta	- Diálogo com os alunos	20 minutos	-Exposição de power point e apresentação oral dos conteúdos. Preenchimento do exercício -Intervenção direccionada	-Quadro; -Projeto de video; - Material de apontamentos	-Alfonso López Quintás. -7 planos da obra de arte. -Relatório de estágio.	
	- Exercer o cumprimento de regras.	-Importância da metodologia do autor na vida humana.	Importância desta metodologia na vida artística e no ser humano em geral.	5 minutos	-Diálogo com os alunos	-Registo electrónico		

Anexo 6. Material didático elaborado: a doutrina de López Quintás

Diapositivo 1

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013



A Formação Humana através da arte:
Aplicação do método de Alfonso López Quintás ao ensino das artes visuais

Diapositivo 2

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013



Parte 1: A Formação Humana através da arte:

Diapositivo 3

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013



Alfonso López Quintás

- Alfonso López Quintás nasceu a 21 de abril de 1928 em La Coruña.
- Formou-se na universidade de Madrid
- Filosofia 1956;
- Em 1987 fundou em Madrid Escuela de Pensamiento y Creatividad.

Diapositivo 4

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Dedicou sua vida a questões:

- Arte;
- Criatividade;
- Educação;
- Ética;
- Formação estética;
- Formação humana;
- Sentimento;
- Valores;



Diapositivo 5

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

A Formação Humana



A Arte

A sua relação

Diapositivo 6

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Algumas questões importantes:

O que é a Formação Humana?

- Como nos formamos?
- Como se desenvolve o nosso carácter?
- Como se desenvolve o nosso interior?

O que nos faz crescer?

- O contato com acontecimentos?
- O contato com pessoas?
- O contato com objetos?



Diapositivo 7

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

O conceito de formação Humana:

O Homem é um ser de “encontros”:

- Se forma;
- Se constitui;
- Se desenvolve;
- Se aperfeiçoa;

-O Homem relaciona-se com a **realidade exterior**

- Acontecimentos
- Objetos;
- Pessoas;
- Tudo à nossa volta.

“**encontro**”: é quando estamos perante certa realidade (objeto, pessoas, acontecimento) e estabelecemos uma relação de proximidade e intimidade.



Duchamp

Diapositivo 8

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Importância das realidades que nos envolvem:
Todas as realidades exteriores exercem sobre nós a mesma relevância?

Dois tipos de relação possíveis:



1- Relação Superficial: Determinado objeto que apenas nós proporciona suas características básicas. (Suas dimensões, suas características físicas)

2- Relação Íntima ou de proximidade: Quando o objeto nos proporciona algo de maior valor, ultrapassando a sua a mera percepção. (Transcende as suas características físicas, marcam-nos o nosso íntimo)

O objeto ao se tornar íntimo adquire o valor de Âmbito (campos de possibilidades)



Diapositivo 9


 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Conceito de “Âmbito”:

- “Âmbito” de realidade?
- Relação Ou relação “ambitua”?

“**Âmbito**”: ou **campo de possibilidades** é uma realidade que nos permite uma relação de elevado valor, onde as suas características físicas, **externas (grau de objetos)**, ao entrarem em relação connosco próprios, tornam-se-nos **íntimas** e nos acrescentam algo de maior valor, (**sentimentos, sensações e emoções**).



Diapositivo 10

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

O poder da criatividade:

Capacidade de gerar algo de novo

Atitude criativa: Ao conhecermos as realidades externas (as dimensões, formas e cores) de determinado **objeto** estamos a tornar **intimo** esse mesmo objeto, adquirindo o valor de **Âmbito** ou **campo de possibilidades**.

A **criatividade** ajuda-nos a transformar os meros objetos em âmbitos.



Diapositivo 11

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

A arte na formação Humana:
-A **arte** resulta de uma atividade criativa.

Obra de arte: Âmbito, pois é uma realidade configurada por um artista. O artista converte realidades em âmbitos através da criatividade.

- A **Complexidade da obra de arte:** por ser fruto de uma atividade de nível âmbital, ou campo de possibilidades permite um infinito de interpretações. Para a interpretarmos na verdadeira grandeza uma obra de arte necessitamos de percorrer um caminho muito próprio.





Diapositivo 12

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013



Fim da parte 1

Diapositivo 13

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013



Parte 2: Os 7 planos da obra de arte

Diapositivo 14

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Os 7 níveis ou planos da obra de arte:

- 1- Os elementos físicos;
- 2- A ligação entre elementos físicos;
- 3- A estruturação de formas;
- 4- A representação de figuras/acometimentos naturais e expressão de âmbitos;
- 5- O mundo que encarna expressivamente a obra de arte;
- 6- O ambiente próprio da obra de arte;
- 7- O poder emotivo da obra de arte;

Diapositivo 15

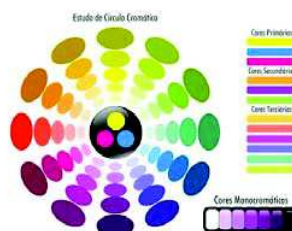
 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Nível 1_ Os elementos físicos:



- Sons;
- Cores;
- Materiais;

- Os materiais têm **valor expressivo próprio**.



O artista estabelece uma relação de **Encontro** com os materiais.

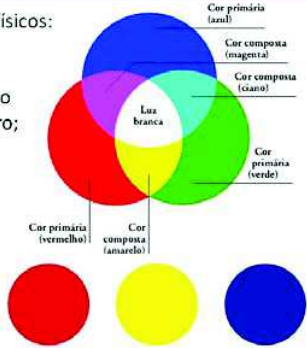
Diapositivo 16

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013



Nível 2_A ligação entre elementos físicos:

- A **textura própria** de cada elemento físico altera-se em relação com outro;
- Ganha novo valor expressivo.**

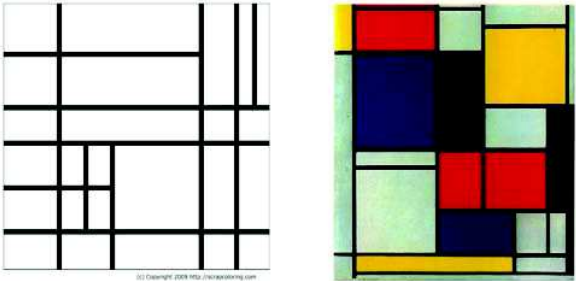


Cor primária (vermelho)
Cor primária (amarelo)
Cor primária (azul)
Cor composta (laranja)
Cor composta (magenta)
Cor composta (ciano)
Luz branca

Diapositivo 17

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013



© Copyright 2008-1002-1002-1002-1002.com

Piet Mondrian

Diapositivo 18

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Nível 3_A estruturação de formas

- Ao se relacionarem Conferem uma **estrutura**;
- A estrutura aumenta ainda **valor expressivo.**
- A estrutura responde a uma intenção por parte de um autor ou de um estilo artístico.



Diapositivo 19

3-Modo como esses elementos físicos se ligam (estruturam-se);



Michelangelo



Caravaggio

Diapositivo 20

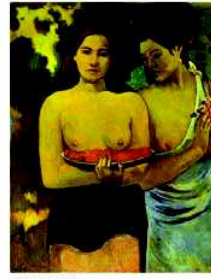
3-Modo como esses elementos físicos se ligam (estruturam-se);



Caravaggio



Lautrec



Gauguin

Diapositivo 21

Nível 4_A representação de figuras/acontecimentos naturais e expressão de âmbitos

As estruturas bem configuradas dão origem a figuras



Monet

Diapositivo 22

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013



Realidade



A sua Captação dessa realidade
Âmbito
Monet

Diapositivo 23

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

 <p>Coubert</p>	 <p>Almada Negreiros</p>	 <p>Andy Warhol</p>
 <p>Takashi Murakami</p>	 <p>Yayoi Kusama</p>	 <p>Paul Delvaux</p>

Diapositivo 24

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Nível 5_ O mundo que encarna expressivamente a obra de arte

**-A presença do âmbito não é espontânea
Resulta de um intenção por parte do autor.;**

-Alguns elementos mediadores
(fundamentam o pensamento do Autor)

Respondem a:

- A mentalidade do autor
- Época vivida
- Etc...



Gauguin

Diapositivo 25

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Picasso



Delacroix Michelangelo Picasso

Diapositivo 26

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013

Nível 6_ O ambiente próprio da obra de arte

-A obra de arte – Intervenção artística:
-Local onde é **pensada** essa obra:
-O seu **propósito**;
-O seu **objetivo**;
-O seu **sentido**;



Duchamp

Diapositivo 27

 **ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO** 

História da Cultura e da Artes 2012/2013



Michelangelo



Guggenheim

Diapositivo 28

Nível 7_O poder emotivo da obra de arte

-Cada elemento presente na obra de arte:

- Se relaciona entre si;
- Se potência; Âmbitos;
- Reflete-se na nossa sensibilidade;

-**Emoções;**

- Angustia
- Serenidade
- Tensão
- Inquietação
- Bem estar
- Alegria
- Espanto
-

Diapositivo 29

**Ao percebermos e praticarmos a arte, adotamos
uma atitude criativa e lúdica perante o mundo
que nos possibilita um decidir melhor.....**

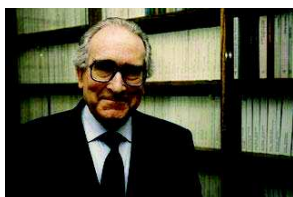
Anexo 7. Material didático elaborado: Ficha de apoio sobre a metodologia de Quintás

FACULDADE DE FILOSOFIA

ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO



A formação através da arte: aplicação do método de Alfonso López Quintás ao serviço das artes visuais



Alfonso López Quintás nasceu a 21 de abril de **1928** em La Coruña, licenciou-se em filosofia em 1956 pela universidade de Madrid, onde também se doutorou em 1962.

Em 1987 fundou em Madrid **Escuela de Pensamiento y Creatividad**.

O autor Alfonso López Quintás dedicou uma grande parte dos seus estudos a questões da, arte, criatividade, educação, ética, formação estética, formação humana, sentimentos e valores.

Formação humana

O homem é um ser de **“encontros”**, se forma, constitui, se aperfeiçoa ao se relacionar com toda a realidade circundante.

-**“encontro”**: é quando estamos perante certa realidade (objeto, pessoas, acontecimento, etc) e estabelecemos uma relação.

Dois tipos de relação possíveis:

1-Relação Superficial, com determinado objeto que apenas nós proporciona suas características básicas.(as dimensões, seu especto normal)

2-Relação Intima, quando o objeto com as suas características nos proporciona algo de mais que a sua mera perceção. (Transcendem a normalidade, marcam-nos)

O objeto ao se tornar íntimo adquire o valor de Âmbito (campos de possibilidades)

“Âmbito”: ou campo de possibilidades consiste numa relação de elevado valor, onde as realidades que nos são **externas (objetos)**, ao entrarem em relação connosco próprios, tornam-se-nos **íntimas** e nos acrescentam algo de maior valor, **sentimentos, sensações e emoções**.

A **criatividade** ajuda-nos a transformar os meros objetos em âmbitos.

Atitude criativa: conhecemos as realidades externas (**objetos**), dimensões, formam e cor. Ao criar-mos estamos a acrescentar algo de novo, adquirindo assim um significado íntimo perante nós próprios. Ou seja, transforma-mos os objetos em (**Âmbitos, campo de possibilidades**)

O papel da arte na formação humana

A **arte** é fruto de uma atividade criativa.

Obra de arte: é a realidade configurada por um artista.

-Decidir, interpretar, analisar, converter meras realidades em (**Âmbitos**) campo de possibilidades.

- **A Complexidade da obra de arte**: por ser fruto de uma atividade de nível âmbitoal, esta adquire uma riqueza e complexidade enorme. Para a interpretarmos na verdadeira grandeza necessitamos de percorrer um caminho muito próprio.

A formação através da arte: aplicação do método de Alfonso López Quintás ao serviço das artes visuais

Os sete níveis da obra de arte

O caminho para conhecermos na verdadeira grandeza a obra de arte...

1-Elementos físicos;

Quais são os materiais utilizados?

-Cada material tem um valor expressivo próprio.
-O artista estabelece uma relação de **Encontro** com os materiais.

2-Ligação dos elementos físicos;

Qual a relação entre os materiais?

-A textura própria de cada material altera-se em presença de um novo material.
-Ganham novo valor expressivo

3-Modo como esses elementos físicos se ligam (estruturam-se);

Que compões essa relação?

-Conferem estrutura
-A estrutura ganha ainda maior valor expressivo.
-Dão origem a qualidades sensíveis diversas (**surgem formas**)

4-A representação de figuras e a Expressão de Âmbitos;

Aqui começa o problema?

-As estruturas, formas e figuras começam a desvendar uma grande diversidade de interpretações.

-Por serem representados Âmbitos

5- O Que representa a obra de arte;

O que pretende representar isto, e aquilo?

-A composição e organização dos âmbitos surge de uma forma organizada e pensada.

Para obtermos uma resposta melhor temos de ter em atenção outros elementos.

-Alguns elementos mediadores que nos dão algumas pistas:

- A mentalidade do autor
- Época vivida
- Etc...

6-O ambiente natural da obra de arte;

Para onde e com que objetivo pensada a obra?

-O local e a intencionalidade que a obra tem pode dar-nos pistas certas na sua interpretação.

7-O poder emotivo da obra de arte;

O que me faz sentir esta obra?

-Os elemento presentes na obra de arte, Relacionam-se entre si, ganham valor de Âmbito, abrindo caminho a nossa sensibilidade a nossa interpretação.

-Refletem em nós emoções:

- Angustia
- Serenidade
- Tensão
- Inquietação
- Bem estar
- Alegria
- Espanto